



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

THAIS ROSALINA TURIAL BRITO

**ENTRE MEMÓRIAS, NARRATIVAS E ESQUECIMENTOS:
O DESAPARECIMENTO DO COMANDANTE CAMILO CIENFUEGOS**

BRASÍLIA
2014



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**ENTRE MEMÓRIAS, NARRATIVAS E ESQUECIMENTOS:
O DESAPARECIMENTO DO COMANDANTE CAMILO CIENFUEGOS**

Monografia apresentada ao Departamento de História
do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de
Brasília para a obtenção do grau de licenciado em
História, sob a orientação do Prof. Dr. Jaime de Almeida.

BRASÍLIA
2014



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**ENTRE MEMÓRIAS, NARRATIVAS E ESQUECIMENTOS:
O DESAPARECIMENTO DO COMANDANTE CAMILO CIENFUEGOS**

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Jaime de Almeida
(Orientador)

Prof. Dr. Francisco Fernando Monteoliva Doratioto

Prof. Dr. Luiz Paulo Ferreira Nogueiról

Prof. Dr. Carlos Eduardo Vidigal
(Suplente)

Data da Defesa: 05 de dezembro de 2014

BRASÍLIA
2014

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos aqueles que de alguma forma estiveram presentes no percurso desta pesquisa. Primeiramente, ao meu querido esposo Marcelo Brito pelo constante apoio aos meus mais ousados projetos acadêmicos. Ao orientador desta pesquisa e amigo, professor Jaime de Almeida, que me mostrou a beleza do que é ser um historiador. Com seu valor intelectual e a sua experiência investigativa me ajudou a levar este trabalho além do que foi pensado e com muita dedicação, acreditou neste projeto quando tudo indicava que seria um grande desafio. À professora Eleonora Zicari, que forneceu sugestões maravilhosas de referências bibliográficas que me permitiram construir meu arcabouço teórico-metodológico. Ao professor Giliard Prado, pela interlocução e apoio constante a esta pesquisa. Aos professores Francisco Doratioto, Luiz Paulo Nogueiról e Carlos Vidigal, que, gentilmente, aceitaram o convite para participar da banca examinadora. E aos meus queridos companheiros de jornada acadêmica Bráulio Fernandes, Marcos Marinho, Rodrigo Nunes, Luísa Pecce e Ana Paula Muniz, que sempre estiveram ao meu lado contribuindo cada um à sua maneira para que este trabalho fosse possível.

“La muerte inmortalizó ente nosotros su imagen alegre y popular. Si hay algo más allá y desde ese lugar nos mira, debe sentirse feliz de haber desaparecido a tiempo. La muerte lo salvó de la ignominia, de la probable tentación de la corruptela y de la humillación de haber sido tratado como traidor o como cómplice”.

Reinaldo Escobar

RESUMO

Esta monografia tem por objetivo cotejar as principais versões sobre o desaparecimento de um dos mais expressivos comandantes da Revolução Cubana — Camilo Cienfuegos — através de memórias publicadas por personagens que vivenciaram esse acontecimento. No primeiro capítulo, discorro sobre os eventos notórios de sua campanha guerrilheira que contribuem para a sua manutenção no conjunto dos heróis cultuados em Cuba. O foco principal é perceber como a imagem de herói da revolução foi sendo construída no imaginário popular. No segundo capítulo, analiso alguns episódios pouco explicados sobre o discurso da vitória no dia 08 de janeiro de 1959, bem como discuto a veracidade da mítica frase proferida por Fidel “¿Voy Bien, Camilo?”, trazendo à tona importantes contra narrativas e memórias sobre este fato histórico. No terceiro capítulo, abordo o começo do governo revolucionário cubano e as problemáticas enfrentadas no primeiro ano de sua atuação, sobretudo, a renúncia e prisão de Huber Matos, evidenciando o modo como Camilo Cienfuegos esteve envolvido nesse episódio. O tema do quarto capítulo é a trajetória de Cienfuegos durante os últimos meses em que esteve no poder e a versão oficial sobre o seu desaparecimento; nesta parte abordo os fatores mais relevantes que dão esteio ao surgimento de variados discursos acerca de sua possível morte. O sétimo capítulo dedica-se às versões que surgiram ao longo desses cinquenta e cinco anos. Concluo evidenciando como todas as versões aqui abordadas estão intensamente ligadas ao momento, ao lugar social e às experiências de cada narrador com a Revolução Cubana.

Palavras-chave: Camilo Cienfuegos; desaparecimento; versões; Revolução Cubana.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	VIII
Capítulo 1 - Do Guerrilheiro ao Mito	1
Capítulo 2 - ¿Voy Bien, Camilo?	5
Capítulo 3 - “Como Chegou a Noite”: A Renúncia de Huber Matos	9
Capítulo 4 - O Fim e o Começo: O Herói Desaparece.....	17
4.1 A Versão Oficial	21
Capítulo 5 - Das Sombras à Luz: Outras Versões	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
ANEXOS	47

INTRODUÇÃO

Aqueles que estavam em Cuba, em 1959, jamais esquecerão aquele atípico ano. Fidel Castro e seu exército de barbudos¹ entravam triunfantes em Havana em 08 de janeiro daquele mesmo ano. Era o fim do governo ditatorial de Fulgencio Batista² e o início de um governo revolucionário que dois anos mais tarde se apresentaria como socialista e que permanece no poder em Cuba até os dias atuais. Uma comoção tomou conta de todo país. As ruas de Havana rapidamente encheram-se de cubanos, esperando, diante de tamanha multidão, ver o grande líder passar. Ao lado de Fidel, na carreata principal, estavam de um lado, Camilo Cienfuegos e de outro, Huber Matos. Dois importantes comandantes revolucionários, pouco conhecidos aqui no Brasil, mas que marcaram profundamente a história da Revolução Cubana e a memória daqueles que vivenciaram aquele grande momento.

Todavia, não foi apenas a festa do triunfo que marcou aquele fatídico ano. Eventos, até hoje pouco explicados, romperam a euforia do recente governo que se instalara. Renúncias começaram a surgir nas principais esferas de comando, a mais expressiva, sem dúvidas, foi a do ex-comandante revolucionário, já mencionado, Huber Matos. Um dos principais líderes da Revolução Cubana, Matos decidiu renunciar a seus cargos no exército cubano, após constatar os rumos cada vez mais afinados com o comunismo que a revolução estava tomando. Sua renúncia foi precedida pelas de Pedro Díaz Lanz, Chefe da Força Aérea Revolucionária e por Manuel Urrutia, ex-presidente de Cuba, escolhido para assumir a presidência pelo próprio Fidel.³ O escândalo destes eventos foi interrompido por um acontecimento que colocaria em xeque a credibilidade dos que estavam à frente da Revolução Cubana: o desaparecimento do comandante Camilo Cienfuegos.

Camilo foi, indiscutivelmente, um dos mais carismáticos líderes da revolução. Era a representação genuína do herói popular. Um homem que tinha uma autêntica fama de valente e que despertava a simpatia por onde passava.⁴ Conhecido por seu *sombrero alón*, travou

¹ Ao longo do processo revolucionário as barbas dos combates passaram a significar prestígio. Tornou-se hábito não apará-las revelando assim aqueles que estavam a mais tempo dentro da guerrilha. Ao final da revolução, os membros do exército ficaram conhecidos como os “Barbudos”. Fonte: FRANQUI, Carlos. **Camilo Cienfuegos**. Barcelona: Editorial Seix Barral, 2001. p. 146.

² Fulgencio Batista foi o 9º e 12º presidente de Cuba. Governou primeiramente de 1940 a 1944 e posteriormente em 1952, quando, quatro meses antes das eleições, deu um golpe de estado e governou até 1958 quando fugiu de Cuba na madrugada de 31 de dezembro a 1 de janeiro, ao constatar que a guerrilha organizada por Fidel Castro inevitavelmente sairia vitoriosa. Fonte: Ecured.

³ CASTRO, **Juanita. Fidel e Raúl, meus irmãos**: a história secreta. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011, p. 173.

⁴ MATOS, Huber. **Cómo Llegó la Noche**. Barcelona: Tusquets Editores, 2002, p. 359.

importantes batalhas durante toda a revolução. Foi o primeiro guerrilheiro que os havaneses viram em janeiro de 1959. Recebeu de Fidel a importante missão de levar a ofensiva militar para o ocidente da ilha, incumbência empreendida por ele e Che Guevara e, nos últimos dias, foi designado a ocupar o Regimento Columbia, um dos maiores símbolos da força militar de Batista.⁵ Um guerrilheiro incomum, de largo sorriso, sem ar de grandeza, porém autêntico.

Tão arrebatadora quanto a sua chegada foi sua partida. Camilo desapareceu em 28 de outubro de 1959. Tinha, à época, o segundo maior cargo dentro do exército, era Chefe de todas as Forças Armadas da província de Havana e Chefe do Estado Maior do Exército Rebelde, e era um dos mais poderosos e populares comandantes da Revolução. Tal evento causou grande impacto nos cubanos que durante dias lançaram-se por toda a ilha à sua procura. Seu misterioso desaparecimento, além de desviar as atenções do caso Huber Matos⁶, gerou ao longo de todos esses anos variadas versões do que teria realmente acontecido com ele. Desde então, sua imagem é frequentemente invocada, seja pelo situacionismo cubano, seja pela oposição que acusa os irmãos Castro pelo seu desaparecimento. Um mito nasceu e o mistério persistiu.

Este trabalho é, neste sentido, uma tentativa de reunir estas diferentes versões e memórias sobre o desaparecimento de Camilo Cienfuegos, sua vida e seu pensamento político. Surge da necessidade de se posicionar frente à história única que insiste em se reproduzir em Cuba ao longo de todos estes anos, pois distancia-se de uma interpretação unívoca e admite as multiplicidades de perspectivas. Para atingir os objetivos aqui explicitados, dedico-me a fazer uma análise pautada na proposta de investigação sugerida pelo conhecido historiador Carlos Ginzburg: O “método indiciário” que permite analisar e/ou encontrar os pormenores mais negligenciáveis, indícios imperceptíveis para a maioria. Isso é possível porque é feita uma delimitação temporal e espacial do objeto de estudo, pois em uma escala de observação reduzida, pode-se desenvolver uma exploração exaustiva das fontes. Para Ginzburg: “O que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente”⁷. Assim, “nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição”⁸.

⁵ GALVEZ, William. **Señor de la Vanguardia**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988, p. 197.

⁶ COSTA, Jaime. **El clarín toca al amanecer**. Barcelona: Ediciones Rondas, 2003, p. 108.

⁷ GINZBURG, Carlo. Sinais Raízes de um Paradigma Indiciário In: **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 152.

⁸ GINZBURG, Carlo. Sinais Raízes de um Paradigma Indiciário In: **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 179.

Espero, ao final deste trabalho: a) identificar, nas versões e memórias aqui apresentadas, uma compreensão mais profunda da história do desaparecimento e do contexto plural e multifacetado que serve de esteio a essas narrativas; b) demonstrar como a própria construção dessas memórias tem uma história a ser problematizada e por fim; c) produzir um discurso que não se propõe a ser uma resposta final para o caso, mas que nos permita identificar, na fala de cada sujeito, as marcas de suas relações com o regime cubano, ao mesmo tempo que nos remete para as condições do presente de cada narrador.

Antes de começar a narrar a história de Cienfuegos, considero importante falar sobre o que este estudo não é, para que assim possamos transcorrer para o que efetivamente ele propõe. Este estudo não é apenas mais uma biografia individual, centrada na trajetória de um único indivíduo. É uma biografia inserida em *contextos*⁹, que por vezes alteram a trajetória do personagem e ajudam a explicar as singularidades de sua história. Estes contextos, por sua vez, também são alterados pelas ações, vivências e escolhas de Camilo. São sempre movimentos cruzados, que em nenhum momento negam sua subjetividade e as suas particularidades. Pois, “uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica”¹⁰.

Portanto, configura-se impossível escrever a história da vida e morte do comandante como um todo coeso, que não apresente contradições, rupturas, abismos e silenciamentos, pois todo sujeito tem um cotidiano singular, “um caráter fragmentário e dinâmico da identidade e momentos contraditórios de sua constituição”¹¹. Durante o percurso deste trabalho estive tentada a limitar-me exclusivamente à leitura crítica do discurso oficial. Todavia, escolher este caminho seria silenciar mais uma vez as vozes daqueles que, geralmente, não são ouvidos em detrimento de uma versão que anula de modos diversos os ruídos incômodos.

Ancorada nas memórias publicadas dos indivíduos próximos a ele, cotejarei as versões sintonizadas com o discurso oficial e as versões da oposição. De modo que o importante não é apenas o conteúdo das memórias em si, mas também os processos de rememoração, os lugares de fala e o público a que elas se destinam. A memória, nesta perspectiva, é entendida como uma:

⁹ Conceito utilizado por Revel. Cf. REVEL, Jacques. “Cultura, culturas: uma perspectiva historiográfica”. In: Jacques Revel. **Proposições**. Ensaios de história e historiografia. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2009, p. 98.

¹⁰ LEVI, G. Usos da Biografia. In: FIGUEREDO, J. e FERREIRA M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2006, p. 176.

¹¹ Ibid., p. 169.

(...) reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social e nacional.¹²

As memórias e versões sobre o passado são sempre múltiplas. O modo como narramos uma história perpassa por nossas visões de mundo, pelo lugar do qual falamos, as práticas sociais, os jogos de poder, as tradições e as vivências. A Revolução Cubana não é uma exceção à regra. Cada cubano, ao narrar suas memórias, o faz com as suas particularidades. As narrativas oficiais, ou seja, aquelas construídas pelo governo cubano, sobre o que foi a Revolução, como ela deve ser lembrada, o que dela deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, não impedem o aparecimento de discursos alternativos e, muitas vezes, conflitantes ao oficial. Mesmo os que encontram-se no exílio não estão em consenso sobre o processo revolucionário. Por um lado, há aqueles cubanos que apoiaram Batista; por outro, aqueles que um dia participaram da revolução e que por algum motivo se desentenderam com o regime e se exilaram, e por último, cubanos que nunca estiveram em nenhum dos lados, mas simplesmente não apoiam o atual governo porque foram de alguma forma negativamente afetados por ele. Diferentes memórias surgem destes diferentes grupos. Lidar com essa multiplicidade de recordações e posições talvez tenha sido a parte mais difícil deste trabalho, mas também a mais desafiadora.

Todas essas questões sobre as percepções dos cubanos em relação a revolução também se projetam no modo como veem Camilo Cienfuegos e principalmente, nas suas narrativas acerca de seu desaparecimento e possível morte. Esta pesquisa é, por conseguinte, uma aproximação maior com um tema tão polêmico quanto negligenciado; rodeado por simbolismos e mitificações e que ainda permanece à espera de uma maior elucidação.



Figura 1: Camilo Cienfuegos, Fidel Castro, Derminio Escalona and Huber Matos (08 of January of 1959). Fonte: University of Miami Digital Collections.

¹² ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FIGUEREDO, J. e FERREIRA M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2006, p. 94.

Capítulo 1

Do Guerrilheiro ao Mito

O que a nós – que nos lembramos de Camilo (...) o que sempre me atraiu foi o que também atraiu a todo o povo de Cuba: sua maneira de ser, seu caráter, sua alegria, sua franqueza, sua disposição de oferecer a vida em todos os momentos, de passar pelos perigos maiores com uma naturalidade absoluta, com uma simplicidade completa sem o menor alarde de valor de sabedoria – sempre sendo um camarada de todos, apesar de que, já ao término da guerra, era indiscutivelmente o mais brilhante de todos os guerrilheiros.¹³

De origem modesta, filho dos espanhóis Ramón Cienfuegos y Flores e Emilia Gorriarán y Zaballa, era o mais novo, entre Humberto e Osmany. Teve uma infância humilde e desde cedo conviveu com os problemas econômicos e sociais de Cuba. Seu primeiro contato com a oposição ao governo de Fulgencio Batista se deu quando estava ilegalmente nos Estados Unidos à procura de melhores condições de vida. Neste país, entrou em contato com uma organização patriótica de cubanos exilados, a *Acción Cívica Cubana*, que editava o jornal *La Voz de Cuba*, para o qual ele escreveu alguns artigos mostrando sua posição contrária ao então presidente cubano.¹⁴

Sua entrada para a guerrilha organizada por Fidel não foi fácil. Como recorda Gálvez, ele não provinha do *Movimento 26 de Julho*¹⁵, como grande parte dos expedicionários, seu único aval era um tiro na perna que havia recebido nas manifestações estudantis.¹⁶ Através da ajuda de Reinaldo Benítez, combatente do Moncada, foi aceito pelo movimento — seu nome era um dos últimos da lista.

O desembarque dos 82 expedicionários em Cuba foi um verdadeiro desastre: perderam armas, remédios e provisões, estavam cansados, famintos e vulneráveis a um ataque. Poucos dias após o desembarque, no dia 05 de dezembro, foram surpreendidos por ataques das forças de Batista. Apenas 12 sobreviveram ao infortúnio de Alegría de Pío, dentre eles estava Camilo Cienfuegos.

Momentos de bravura estão presentes em toda sua história, contadas por aqueles que conviveram com ele. Estudar Camilo exige sempre uma distinção de sua personalidade e ações entre um plano mítico-ideológico e um plano histórico, pois a sua inserção no *panteão cívico*

¹³ Discurso pronunciado em homenagem ao comandante Camilo Cienfuegos, no Ministério da Construção, em 28 de outubro de 1964. In: GUEVARA, Ernesto. **Reflexões sobre a História Cubana**. São Paulo: Editora Edições Populares, 1981.

¹⁴ GÁLVEZ, William. **Señor de la Vanguardia**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988, p. 112.

¹⁵ Movimento revolucionário cubano, fundado por Fidel Castro e seus companheiros, contra o ditador Fulgencio Batista.

¹⁶ GÁLVEZ, William. Op. cit., p. 148.

de Cuba¹⁷ dependeu não somente do que ele fez, mas também do que outras pessoas pensaram, contaram e escreveram sobre ele. Depois do desastre de 5 de dezembro, apenas 17 chegaram a Serra Maestra. Os 12 que sobreviveram ao ataque uniram-se a 5 camponeses que os guiaram rumo a Serra.¹⁸ Historicamente, estes cinco camponeses raramente são lembrados, aumentando-se assim a lenda sobre os 12 sobreviventes.

Já na Serra Maestra, não demorou a se destacar dentro da guerrilha: atuou nas tropas de Fidel como chefe da vanguarda até outubro de 1957, cargo que lhe rendeu o título *Señor de la Vanguardia*, como mais tarde ficou amplamente conhecido. Em 8 de outubro de 1957, já como capitão, integrou-se à coluna de Guevara. Em abril de 1958, Fidel o envia para combater nas *llanuras del Cauto*, uma extensa região de planícies que compreende os municípios de Holguín, Bayamo, Manzanillo e Victoria de las Tunas. Cienfuegos tornou-se, então, o primeiro guerrilheiro da Serra a combater no *llano*¹⁹.

Durante o período em que esteve nas planícies, conquistou importantes vitórias para o exército rebelde na região. A mais importante foi a do *Monte La Estrella*²⁰. Com um número aproximado de 50 homens, venceu 500 soldados das forças de Batistas equipados com tanques, helicópteros e pesada artilharia.²¹ Campanhas como essa lhe renderam o acesso ao posto de comandante no final de abril de 1958. Em agosto deste mesmo ano, Fidel determina que havia chegado o momento de levar a guerrilha para além do Oriente, onde esteve concentrada até então. Para essa missão, designou dois de seus mais importantes comandantes. Che deveria seguir com destino a Las Villas e Camilo, até Pinar del Río, província localizada no extremo ocidente da ilha.²²

A ofensiva final, como assim foi designada, foi de suma importância não apenas para o triunfo revolucionário, mas também para ampliação da popularidade de Cienfuegos. Sua passagem por quase todas as províncias (Oriente, Camagüey, Las Villas, Matanzas e La Habana), permitiu-lhe uma maior interlocução com o povo cubano. Em pouco tempo tornou-se, no imaginário popular, uma figura lendária. Enríque Oituski, combatente do exército rebelde, recordou suas impressões sobre o comandante para o jornal *Revolución* anos depois:

¹⁷ Expressão utilizada por Giliard Prado. Uma das estratégias de legitimação utilizada pelo governo cubano: a apropriação das figuras de heróis da nação cubana para a formação de uma espécie de panteão cívico; PRADO, Giliard da Silva. **Guerrilhas da Memória: Estratégias de Legitimação da Revolução Cubana (1959 – 2009)**. Tese de Doutorado, PPGHIS. UnB, 2013, p.5.

¹⁸ FRANQUI, Carlos. **Camilo Cienfuegos**. Barcelona: Editorial Seix Barral, 2001, p. 34.

¹⁹ Ibid., p. 88.

²⁰ O Monte La Estrella fica próximo ao município Bayamo, atualmente parte da província Granma. A batalha a que me refiro ocorreu em 4 de maio de 1958, conhecida em Cuba como *El Combate de La Estrella*.

²¹ ²¹ FRANQUI, Carlos. Op. Cit., p. 89.

²² GÁLVEZ, William. **Señor de la Vanguardia**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988, p. 197.

Camilo. Camilo era como uma palavra mágica para nosotros. En su presencia cifrábamos la solución de todos los problemas. Desde que el Movimiento organizó sus primeras fuerzas rebeldes en Las Villas habíamos pedido a Camilo. Camilo llegó un año después con sus ochenta y pico de hombres. Su llegada al norte de nuestra provincia fue el pánico de los soldados y la culminación de nuestras esperanzas. Su presencia en el campo de batalla causaba el mismo efecto entre las tropas de Batista que la de Aquiles entre los troyanos. Por eso asociamos siempre su nombre al de los héroes griegos. Parecía surgido de la *Ilíada* de Homero.²³

A travessia até Havana foi um grande desafio. Enfrentaram momentos de grandes dificuldades, sobretudo, na província de Camagüey, um lugar de muita resistência à guerrilha por ser em grande parte composta por ricos fazendeiros que não viam com bons olhos a proposta de reforma agrária defendida pela Revolução. Sobre a travessia, Camilo escreveu em seu diário de campanha:

Camagüey quedaba atrás. Camagüey y sus horas difíciles. Camagüey y sus horas de hambres. Una idea de esto es que durante treinta y un días que duró la marcha por esa provincia, solamente comimos once veces, con el día que nos comimos una yegua cruda y sin sal.²⁴

O combate mais importante do jovem comandante em toda a ofensiva para o ocidente foi a Batalha de Yaguajay, que lhe rendeu posteriormente o título de *Héroe de Yaguajay*. O plano era tomar a região em volta ao Quartel – *Escuadrón 31* – e assim obrigar o exército a se retirar por falta de suprimentos e reforços. O Quartel estava guardado por cerca de 350 homens sob o comando de Abon Lee, que era, segundo Carlos Franqui, um dos poucos oficiais respeitados por sua inteligência tática.²⁵ Para além da força militar do exército rebelde, para desestabilizar psicologicamente as forças de Abon Lee, inspirado nas histórias que ouvia em sua infância, Camilo criou o “*Dragón I*”, que posteriormente se tornou símbolo de criatividade da Revolução. Tratava-se de um trator abandonado encontrado por ele em um engenho açucareiro; ao vê-lo, decidiu transformá-lo em um tanque de guerra para assustar as forças de Batista. O *Dragón I*, apesar da sua questionável eficácia militar, surgia em meio à escuridão da noite e deixava estarecidos os soldados do quartel que não entendiam o que era aquele desconhecido instrumento de guerra que soltava labaredas de fogo. Atitudes como esta criaram uma linha tênue entre o personagem e o mito. Em 31 de janeiro, Lee se rendeu incondicionalmente. Sua rendição foi um golpe decisivo sobre as forças de Batista.

²³ Relato publicado no jornal *Revolución* de 23 de novembro de 1959, em homenagem a Camilo Cienfuegos. O jornal encontra-se disponível para consulta, em formato de microfilmes, no Centro de Apoio à Pesquisa em História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

²⁴ Diário de Campanha de Camilo. In FRANQUI, Carlos. **Camilo Cienfuegos**. Barcelona: Editorial Seix Barral, 2001, p. 93.

²⁵ *Ibid.*, p. 96.

Após a difícil vitória de Yaguajay, Fidel o designa para tomar o Regimento Columbia em Havana, símbolo do poder militar de Batista e de seu exército, e a Guevara caberia ocupar La Cabaña, uma fortaleza secundária, mesmo estando em Santa Clara, 100 km mais próximo de Havana do que Camilo.

(...) El Comandante Camilo Cienfuegos, con su gloriosa Columna invasora Nº. 2, debe avanzar sobre la ciudad de La Habana, para rendir y tomar el mando del Campamento Militar de Columbia. El Comandante Ernesto Guevara ha sido investido del cargo de Jefe del Campamento Militar de La Cabaña, y en consecuencia, debe avanzar sus fuerzas sobre la ciudad de La Habana al [paso] que rinda las fortalezas de Matanzas (...).²⁶

A ordem o espantou, pois Che, que menos de um ano antes era seu superior, agora ficaria abaixo de suas ordens. Castro sabia o que estava fazendo: primeiro, porque Camilo, atendendo ao seu projeto memorial, estaria trilhando os mesmos passos do General Máximo, que na guerra de independência tomou Yaguajay e depois o Columbia; segundo, porque tirava temporariamente de cena Ernesto Guevara, que já era conhecido pelo seu radicalismo e por suas fortes posições marxistas; e terceiro, porque Cienfuegos era cubano, não era estrangeiro, já era um herói para os cubanos e não havia nenhuma ligação entre ele e o comunismo. Fidel precisava garantir a estabilidade após o triunfo e, para isso, não poderia encarar problemas imediatos com a direita cubana e muito menos com os Estados Unidos.²⁷

Camilo foi o primeiro barbudo a entrar em Havana e receber o calor do povo cubano após uma ousada campanha. Na manhã de 4 de janeiro, sem resistência, já estava à frente do mais importante regimento de Cuba. Depois de reunir-se com Fidel um dia antes para informar a situação de Havana, retorna e fica à sua espera para a entrada triunfal na capital em 8 de janeiro de 1959.



Figura 2: “El Dragón I”. Fonte: Granma.

²⁶ GÁLVEZ, William. **El joven Camilo**. La Habana: Editorial Gente Nueva, 1998, p. 471.

²⁷ ANDERSON, Jon Lee. **Che Guevara: Uma Biografia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997, p. 440.

Capítulo 2

¿Voy Bien, Camilo?

Entre pombas, euforia e fanatismo, as memórias acerca do famoso discurso da chegada de Fidel a Havana, proferido em 08 de janeiro de 1959, dividem opiniões. Pombas brancas voaram da plateia ao encontro do líder, uma pousa em seu ombro, enquanto outras duas pousam em seu palanque. Muitos se questionam: de onde surgiram aquelas pombas brancas? Seria mais uma estratégia de legitimação do governo revolucionário? Ou um surpreendente acaso do destino?²⁸ Estas perguntas seguem sem respostas. Mas, foi sem dúvida, o momento perfeito para imortalizá-lo.

Ao lado de Castro no palanque estão alguns importantes rebeldes da luta revolucionária, e imediatamente atrás dele, está Camilo Cienfuegos. Em meio ao discurso que fazia, Fidel lhe pergunta: “¿Voy Bien, Camilo?” e supostamente ele responde: “Vas Bien Fidel”. Imediatamente aquela frase ficou famosa e no dia seguinte aparecia estampada em importantes jornais da época. Mas, o que aconteceu para que Fidel em meio ao discurso mais importante de sua vida se dirigisse a Camilo e perguntasse se ele estava indo bem?

A pergunta virou um símbolo e para cada um que narra aquele evento ela adquire uma dimensão. Para Guevara:

Aquele “¿Voy Bien, Camilo?” de Fidel quando perguntava a Camilo na Cidade Militar, nos primeiros dias ou no primeiro dia de sua chegada a Havana, não significa a casualidade de uma pergunta feita a um homem que por casualidade estivesse a seu lado. Era uma pergunta feita a um homem que merecia a confiança total de Fidel, aquele em que se sentia, como talvez em nenhum dos outros, uma confiança e uma fé absoluta.²⁹

Ivan Ayla, capitão do exército rebelde, narra uma história diferente com respeito ao ocorrido. Segundo ele, Cienfuegos sobe ao palanque quando o discurso de Fidel já estava em andamento, quando a multidão o vê, exclama repetidas vezes: “Viva Camilo!”. Castro, diante da incômoda situação, faz a famosa pergunta para poder continuar seu discurso.³⁰

²⁸ Segundo Carlos Franqui, “o milagre das pombas” pode ter sido na verdade uma obra de Osmany Cienfuegos, irmão de Camilo, ou de sua esposa Gelma Díaz. Muitos acreditam que foram eles que conduziram as pombas ao local do discurso. FRANQUI, Carlos. **Camilo Cienfuegos**. Barcelona: Editorial Seix Barral, 2001, p. 14. Outras versões têm surgido, cogitam inclusive a possibilidade de feromônios terem sido colocados no local para que as pombas não voassem para longe do palanque. Ou ainda, que as pombas foram alimentadas com uma dieta a base de chumbo que impediam o voo a longas distâncias. Cf: <http://www.letraslibres.com/revista/convivio/el-imaginario-revolucionario-historia-de-una-fotografia>.

²⁹ GUEVARA, Ernesto. **Reflexões sobre a História Cubana**. São Paulo: Edições Populares, 1981, p. 71.

³⁰ Entrevista concedida ao Instituto da Memória Histórica Cubana contra o Totalitarismo, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=skYWH4YoMP0>.

Regina Coyula em uma recente publicação “La respuesta del más allá” apresenta outra versão. Durante anos a famosa pergunta, segundo ela, tem presidido homenagens ao comandante desaparecido, diante da incerteza de que a frase “Vas bien, Fidel” tinha sido dita, conversou com pessoas que presenciaram aquele discurso. Sobre isso ela narra:

“Tuve incluso acceso a una versión de primera mano que refiere que Camilo, detrás de Fidel, conversaba jocosamente mientras Fidel arengaba al pueblo, y la pregunta fue retórica, una manera de llamarle la atención, como hacen muchos maestros que sorprenden en falta a un alumno”³¹.

Em contrapartida, há aqueles que afirmam que a frase nunca foi pronunciada. Roberto Quiñones publica no diário de Cuba, um jornal eletrônico, suas memórias sobre aquele dia. De acordo com suas recordações, a famosa frase nunca foi dita, tudo não passou de uma confirmação em que Fidel perguntava se seu discurso estava audível:

La noche del 8 de enero de 1959 estaba yo junto a mi familia viendo en la TV lo que podría considerarse el "discurso de la victoria rebelde" (...) escuché claramente: "¿Se oye bien, Camilo?" Me pareció lógica la pregunta, pues había dificultades con los altavoces colocados en el lugar, y una parte del público y algunos oficiales del Ejército Rebelde ubicados detrás de donde estaba el orador se quejaban: "No se oye, Fidel". Y Camilo, colocado detrás de Castro hacia un lado, a veces le decía algo, probablemente para comunicarle que no se oía bien lo que decía. Fidel entonces se acercaba más el micrófono. Al otro día, 9 de enero, en la prensa escrita se publicó como titular de una nota informativa sobre el discurso de Fidel la frase "¿Voy bien, Camilo?", y también la supuesta respuesta de Camilo, que una mezcla de fantasía con el hecho de que los altoparlantes no dejaban escuchar bien el discurso convirtieron en otra frase mitológica: "Vas bien, Fidel". Al ver aquello publicado me quedé estupefacto.³²

Adolfo Castells por outro lado, não acredita fazer parte da personalidade de Castro a humildade que aquela pergunta representava, além do mais, naquele momento, muitos o significavam como o próprio enviado de Deus, no qual, pombas brancas, carregadas de simbolismos, pousaram ao redor:

Por supuesto, que pregunta y respuesta gustaron mucho a la dirigencia revolucionaria y particularmente a Fidel, ya que aquella supuesta consulta suya a Camilo, expresaba una humildad que él por naturaleza no poseía. Un hombre megalómano y seguro de sí mismo como es él, jamás la habría hecho. Pero le venía como anillo al dedo para proyectar una imagen de hombre sencillo, de demócrata que no se consideraba a sí mismo superior a los demás.³³

No site do governo cubano, em que encontram-se publicados na íntegra os discursos taquigrafados de Fidel Castro de 1959 a 2008, está disponível o famoso discurso da vitória e a

³¹ COYULA, Regina. **La respuesta del más allá**. Publicado em 1 de agosto de 2011. Disponível em: <http://lamalaletra.wordpress.com/2011/08/01/la-respuesta-del-mas-alla/>. Acesso feito em janeiro de 2014

³² QUIÑONES, Roberto. **¿Dijo Fidel 'Voy bien, Camilo'?** Los Angeles, 28 de outubro de 2013. Disponível em: http://www.diariodecuba.com/cuba/1382714770_5661.html. Acesso feito em janeiro de 2014

³³ CASTELLS, Adolfo. **¿Vamos Bien?** 30 de abril de 2014. Disponível em: <http://eldiario.com.uy/2014/04/30/vamos-bien-2/>. Acesso feito em maio de 2014

frase, de acordo com esta fonte, realmente teria sido pronunciada. Em um dado momento de sua fala, Fidel pergunta a Camilo: “¿Voy bien, Camilo?”, no entanto, sua pergunta é seguida por exclamações de “Viva Camilo!” e em nenhum momento a resposta “Vas Bien, Fidel” aparece no discurso.³⁴ De onde teria surgido então a segunda frase? Coincidentemente a segunda frase e uma derivação dela, “Vamos bien Camilo” (que nunca foram ditas), são justamente as mais utilizadas pelo governo cubano.

Ainda que seja de difícil acesso, é possível encontrar na internet o vídeo do famoso discurso da vitória, nele, pode-se conferir o que realmente foi dito. Enquanto Fidel falava da força que a opinião pública teria no governo revolucionário, ele se volta para Camilo e mais dois rebeldes e pergunta: “¿Voy bien?”, a pergunta é feita num tom bastante baixo, é necessária atenção para não perder o momento. Ninguém responde. Em seguida o povo exclama: “Viva Camilo!”.³⁵ Tudo além disso são construções posteriores. Não houve “¿Voy Bien, **Camilo**?”, “Vas Bien, Fidel!”, tampouco ele conversava com alguém para que fosse repreendido. Este vídeo é um forte indicador da popularidade perigosa que já possuía à época. Havia três rebeldes atrás de Fidel no momento da pergunta, ele poderia ter se dirigido a qualquer um deles, pois não disse o nome à quem aquela pergunta se dirigia, (contrariamente ao que mostra a versão taquigrafada). Mesmo não dizendo nomes, imediatamente associou-se ao comandante Cienfuegos, e em seguida a multidão exclama várias vezes: “Viva Camilo!”.

Todo este percurso por uma única frase mitificada nos revela a importância da devida problematização ao trabalhar com memórias. Estas pessoas estão narrando um evento que ocorreu há 55 anos, em um momento de grande euforia e estas circunstâncias devem ser consideradas ao ler essas fontes. O vídeo, sem dúvidas, derruba algumas teses aqui apresentadas, mas de forma alguma desvaloriza a importância das versões. Pois, existiu um contexto histórico propício para que estes discursos surgissem.

“¿Voy Bien, Camilo?” e “Vas Bien, Fidel!” serviram a Castro com uma tripla função: por um lado, a famosa pergunta lhe atribuiu uma imagem de líder modesto, que busca a aprovação de seus companheiros; por outro lado, quando Camilo desapareceu e se transformou em um mártir, ela serviu como legitimação para algumas ações que executava em seu governo; e ao mesmo tempo lhe servia como um bastião de defesa contra as acusações de que ele havia

³⁴ Discurso pronunciado por Fidel em 08 de janeiro de 1959. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f080159e.html>. Acesso feito em dezembro de 2013.

³⁵ O discurso encontra-se no documentário cubano “Simplemente Camilo”, dirigido por Barbara Silvia Diéguez. Pode ser adquirido através do site de vendas Mundo Latino.

matado Cienfuegos, uma vez que, a frase imortalizou a suposta confiança e a estreita relação entre ambos.

Ao longo dos anos as famosas frases foram cumprindo o papel esperado. As imagens do discurso foram posteriormente recortadas, a proximidade dos rostos dos dois líderes nessas imagens sugeria uma possível conversa entre eles. Era a evidência de que as frases teriam mesmo sido ditas. Algumas decisões tomadas por Fidel, após o desaparecimento de Cienfuegos, nas quais necessitava de respaldo popular, viam acompanhadas com o título: “Vamos Bien Camilo”. Em 2009, o governo cubano construiu uma gigante escultura com mais de 25 toneladas na praça da Revolução, a escultura era o rosto de Cienfuegos acompanhado da frase “Vas bien, Fidel”.

Ainda que inicialmente a pergunta não tenha sido pronunciada com esta intenção, a resposta serviu como mais um aporte às estratégias de legitimação do governo cubano. Por isso é tão importante para os opositores do regime provar que a resposta nunca existiu. “Vas bien, Fidel” serve de eterna celebração às obras de Castro, frase “dita” por alguém que já está morto e não teria como dizer se as coisas continuam bem mais de meio século depois. Não há dúvidas, para a oposição, que toda esta gama de heróis e as estratégias criadas e/ou utilizadas por Castro servem, dentre outras coisas, para alimentar o fanatismo do povo e garantir a continuação de um governo que não se dá por vencido, que não se abre democraticamente, mas também que já não consegue esconder com tanto êxito uma parte da população que lhe grita: No va bien, Fidel!



Figura 3: Camilo e Fidel no momento do discurso.
Fonte: Ecured

Capítulo 3

Como Chegou a Noite³⁶: A Renúncia de Huber Matos

Vencida a campanha militar começava o jogo político. Fidel tinha um grande problema à vista: quem ocuparia os principais cargos do governo agora que a Revolução havia triunfado? Muitos homens de seu exército não eram alfabetizados, não estavam preparados para os cargos em vacância.

Castro designou para todas as províncias chefes militares de sua confiança. Nos primeiros dias, Raúl Castro era responsável pela província do Oriente, Huber Matos pela província de Camagüey, William Gálvez pela província de Matanzas, Calixto Morales pela província de Las Villas, Camilo Cienfuegos pela província de Havana, Ernesto Guevara como chefe da fortaleza de La Cabaña e Pedro Díaz Lanz como Chefe da Força Aérea Revolucionária. Estes postos mudavam constantemente durante esse período inicial, revelando um caráter de improvisação na formação do governo, com exceção de Guevara que só vai assumir cargos importantes muitos meses depois do triunfo e de Camilo que ocupará seus cargos até o seu desaparecimento. Cienfuegos tinha o segundo mais alto cargo na estrutura militar. Em 5 de janeiro foi designado Chefe de todas as Forças Armadas da província de Havana, incluindo a Aviação, a Marinha de Guerra e a guarnição do palácio presidencial e, em 20 de janeiro, foi nomeado Chefe do Estado Maior do Exército Rebelde.³⁷

Com o passar dos meses, estava cada vez mais difícil para Fidel esconder sua inclinação para o autoritarismo e a infiltração comunista em seu governo. Os jornais noticiavam os fuzilamentos empreendidos por Che em La Cabaña e por Raúl Castro em Santiago de Cuba. Concomitante às funções “secundárias” exercidas por ambos, secretamente trabalhavam para consolidar vínculos entre o exército rebelde e o Partido Socialista Popular - PSP (comunista)³⁸. Nem mesmo a Revolução triunfou, Castro já iniciou sua política de “expurgo” primeiramente

³⁶ Título traduzido do livro de Memórias de Huber Matos “Cómo Llegó La Noche”.

³⁷ GÁLVEZ, William. **El Joven Camilo**. La Habana: Editorial Gente Nueva, 1998, p. 408.

³⁸ Na véspera da partida do Granma, o PSP deixou claro a Fidel que apoiava seu objetivo de derrubar o governo de Batista, mas discordava das táticas escolhidas. Desde a chegada de Fidel a Cuba, Castro e o partido mantiveram um discreto contato. Quando Batista começa a perseguir de modo implacável membros do partido, o PSP foi forçado a considerar a hipótese de unir-se a luta armada. Em 1957, envia secretamente dois jovens para se juntar a Che, com a missão de doutrinar politicamente as tropas rebeldes. Para Fidel, algum tipo de aliança com o PSP tinha um sentido prático. Pois, o PSP era a entidade política mais bem organizada do país. Fidel foi estabelecendo laços graduais e discretos com o partido. Após o triunfo, e com auxílio de Che e Raúl, o PSP participa das principais decisões do governo. Em 1961, o PSP se funde com o M26 formando as Organizações Revolucionárias Integradas (ORI). As ORI passam a fazer parte do Partido Unido da Revolução Socialista Cubana (PURSC) em 1962, e em 1965 o PURSC torna-se o Partido Comunista de Cuba. ANDERSON, Jon Lee. **Che Guevara: Uma Biografia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997, passim.

contra partidários de Batista e posteriormente contra indivíduos que ocuparam posições importantes na luta e no governo revolucionário.³⁹ Movimentos contrarrevolucionários começam a se articular. Os partidos políticos foram logo banidos, os bens confiscados, opositores fuzilados.

Em menos de seis meses do novo governo os problemas começam a surgir. Huber Matos passa a questioná-lo sobre medidas democráticas que anunciara para Cuba. Tinha esperanças de que fosse criado um conselho revolucionário, que discutisse e apoiasse as questões fundamentais do projeto revolucionário, mas, Fidel sempre se esquivava de tal tema.⁴⁰ Sem nenhuma discussão com os outros revolucionários, criou o G-2 sob o comando de Ramiro Valdez e em segunda instância de Osvaldo Sánchez, que posteriormente viria a ser acusado de envolvimento no desaparecimento de Camilo Cienfuegos. Huber questionava, sobretudo, a data das futuras eleições, promessa que havia sido feita pelo *comandante en jefe* e ainda não tinha sido cumprida. Urrutia, então presidente, não tinha forças suficientes para exercer plenamente a presidência. Não podia renunciar ao cargo nesse momento porque produziria um escândalo, e tampouco podia exercer seu papel. Em suas próprias palavras, compartilhadas com Matos, era um refém dentro da presidência de Cuba.⁴¹

Com a posse de Castro no cargo de primeiro-ministro em 16 de fevereiro Urrutia, como afirma Lee, era apenas uma figura decorativa na presidência cubana.⁴² O governo revolucionário continuava mantendo uma posição ambígua, afirmava categoricamente que não era esquerdista, mas em contrapartida aumentava “um firme controle comunista na maioria das áreas vitais de Cuba”⁴³. A crueldade dos fuzilamentos criava tensões entre o clero católico e o governo. Em meados de junho de 1959 a atmosfera em Cuba estava extremamente polarizada, a reforma agrária causava insatisfação, principalmente em Camagüey, província governada por Huber Matos que mostrava-se cada dia mais insatisfeito com os rumos da revolução.

Huber Matos foi um importante comandante do Exército Rebelde, organizou a mais conhecida expedição aérea transportando armamentos para a Serra Maestra em março de 1958. Chegou às montanhas em um avião conduzido por Díaz Lanz oriundo da Costa Rica, carregado de armas e munições para abastecer os rebeldes. Rapidamente se destacou na luta armada e

³⁹ PRADO, Giliard da Silva. **Guerrilhas da Memória: Estratégias de Legitimação da Revolução Cubana (1959 – 2009)**. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado, PPGHIS. UnB, 2013, p. 18.

⁴⁰ MATOS, Huber. **Cómo Llegó la Noche**. Barcelona: Tusquets Editores, 2002, p. 326.

⁴¹ Ibid., loc. cit.

⁴² ANDERSON, Jon Lee. Op. cit., loc. cit.

⁴³ Ibid., p. 473.

ascendeu aos maiores cargos dentro do exército. Para além de sua estratégia militar, era reconhecido por sua autenticidade. Ao fim da luta guerrilheira, foi nomeado chefe militar da província de Camagüey. Esta escolha não foi aleatória.

Camagüey era a província de Cuba com menos acidentes em seu relevo, uma região muito plana com solo fértil e zonas extensas propícias para criação extensiva de gado. Até o começo do século XX a região era quase desabitada, com exceção da cidade de Camagüey onde viviam proprietários de imensas fazendas de gado. Com a expansão da produção açucareira em 1902 do ocidente para o oriente do país e a união entre a região de Santa Clara (ocidente) e Santiago de Cuba (oriente) por ferrovias, deu-se origem ao predomínio dos latifúndios açucareiros na região. Em 1958, a província praticamente pertencia a latifundiários e empresas norte-americanas.⁴⁴ Diante de tais características, Camagüey desde o início da revolução armada foi um forte ponto de resistência à guerrilha. O exército rebelde enfrentou momentos de grandes dificuldades na travessia pela região, quando não delatados, faltavam-lhes guias, alimentos, lugar para descanso, não contavam com o apoio de grande parte da população. Fidel necessitava de uma pessoa de confiança e pulso forte para comandá-la após o triunfo, e Huber Matos, que atendia a essas exigências, foi para Camagüey com a missão de tornar aquela região uma região revolucionária.⁴⁵

Desde muito cedo, não estava de acordo com a guinada esquerdista que a revolução estava adquirindo após o triunfo. Tentou conversar com Fidel em diversos momentos e chegou inclusive a pedir o auxílio de Camilo Cienfuegos para uma reunião com Castro. Camilo, segundo ele, sentia-se impossibilitado de prestar-lhe ajuda, pois ele mesmo já enfrentava problemas com o governo revolucionário cubano.⁴⁶ Com sete meses após o triunfo, decide escrever uma carta para Fidel. Nesta primeira carta de renúncia, solicitava afastamento do exército rebelde e de suas responsabilidades na direção do processo revolucionário por estar em desacordo com a forma em que as coisas estavam se conduzindo, e por acreditar que Cuba já estava a poucos passos de um governo ditatorial marxista.

Mi permanencia en el gobierno respalda acciones con las cuales no estoy de acuerdo. Quiero ser responsable de mis errores y no cargar con la tremenda culpa que la historia volcará sobre quienes, por ambición, por acomodamiento o por inercia, traicionan la Revolución cubana; esto es, al pueblo y sus esperanzas. Aunque sea yo el único que denuncie lo que está pasando, tengo que dar alerta a los cubanos. No sé si me escucharán o si lo entenderán.⁴⁷

⁴⁴ GÁLVEZ, William. **Señor de la Vanguardia**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988, p. 219.

⁴⁵ MATOS, Huber. **Cómo Llegó la Noche**. Barcelona: Tusquets Editores, 2002, p. 286.

⁴⁶ Ibid., p. 331.

⁴⁷ Ibid., p. 336.

Fidel prontamente não aceitou a renúncia, e lhe respondeu: “No estamos a la izquierda ni a la derecha; estamos un paso delante de la izquierda y de la derecha y contra todos los totalitarismos, porque éstos cercenan la libertad...”⁴⁸. Diante da insistência de Huber sobre a questão comunista, Fidel lhe assegura:

Quédate como hasta ahora en el mando revolucionario. Si dentro de un tiempo ves que conforme a tu criterio las cosas no han cambiado, entonces estás en tu derecho de renunciar. Lo planteas y no pasará nada. Nos sentaremos a conversar y nos despediremos como amigos, como compañeros, como hermanos.⁴⁹

Diante da incompatibilidade entre suas posições e as do governo revolucionário cubano, termina de redigir sua carta renúncia em 19 de outubro, um dia após a nomeação de Raúl Castro para o cargo de Ministro das Forças Armadas. Era impossível para Matos seguir trabalhando debaixo das ordens de Raúl que, juntamente com Guevara, eram as maiores expressões comunistas da revolução. Envia a carta de renúncia privadamente através do tenente Carlos Álvares no dia 20. Sua atitude era, em suas próprias palavras, “un acto de consciencia instado por la necesidad de ser leal a mi país y a mis propias convicciones”⁵⁰. No mesmo dia telefona para Camilo, a quem estava subordinado, e pede seu licenciamento.

O que Matos pretendia com essa renúncia, afinal? Ele não era ingênuo e sabia que por mais que Fidel lhe respondesse aceitando seu afastamento, como de fato aconteceu, essa história não acabaria aí. A atmosfera mítica criada entorno do máximo líder não lhe daria a mínima condição de vencê-lo. O que planejava então com este martírio auto imposto?

Se me hace difícil pensar una maniobra para derrocar a Fidel. Sería enfrentarnos al pueblo, que está fanatizado con este hombre. Se interpretaría como un complot ambicioso. ¿Matarlo? A la vista de la gran mayoría de los cubanos sería un crimen imperdonable.⁵¹

Além de querer salvar sua responsabilidade histórica⁵², Huber esperava que sua recusa à fuga, e sua opção por ser julgado dignamente, alertasse a população acerca do problema que se instalara no novo governo. Às quatro da manhã, já tinha sido destituído de seus cargos e em seu lugar Castro nomeou Francisco Cabrera González para a chefia do distrito. As rádios, antes do amanhecer, já anunciavam um “complô” que supostamente estava sendo encabeçado por ele. Chamavam-no de traidor e inimigo da pátria e intimavam o povo a se mobilizar contra o comandante e seus homens.

⁴⁸ MATOS, Huber. **Cómo Llegó la Noche**. Barcelona: Tusquets Editores, 2002, p. 333.

⁴⁹ Ibid., loc. cit.

⁵⁰ Ibid., p. 336.

⁵¹ Ibid., p. 336.

⁵² Expressão utilizada por Carlos Franqui. In: FRANQUI, Carlos. **Cuba, La Revolución: ¿Mito o Realidad?** Barcelona: Ediciones Península, 2006, p. 248.

Logo cedo, Camilo é enviado com algo em torno de 20 homens à província para prender todo regimento de Camagüey. A sua desvantagem numérica era enorme, em caso de resistência provavelmente seria morto tão logo pisasse em solo camagueyano. Entretanto, Matos foi levado sem disparar um tiro.⁵³

Fidel chega a província poucas horas depois e se dedica a mobilizar a multidão contra o que ele chamou de “la conspiración de Huber Matos”. É interessante observar que em todo esse período e nos anos posteriores, o governo o acusou de ter criado uma conspiração contra a revolução, todavia em sua carta de renúncia a primeira razão acerca do seu pedido de afastamento é justamente a de não tornar-se um obstáculo à revolução: “no deseo convertirme en obstáculo de la Revolución y creo que teniendo que escoger entre adaptarme o arrinconarme para no hacer daño, lo honrado y lo revolucionario es irse”⁵⁴.

A suposta traição não convence grande parte do povo de Camagüey, primeiro porque ele havia se destacado na região pela execução de importantes obras para a população e, segundo, porque não havia passado muito tempo desde as “traições” de Díaz Lanz e Urrutia. Em nenhum momento pôde explicar a população o porquê de suas ações, a única versão que o povo ouviu naqueles dias foi a que o Castro contou.

Fidel encontrou na renúncia de Huber Matos mais uma oportunidade de criar uma unidade contra os inimigos da revolução, que agora já não eram mais aqueles oriundos do regime de Batista, mas seus próprios homens, líderes que combateram a seu lado. Com a atmosfera propícia (a imprensa reafirmava a suposta conspiração ininterruptamente pelas rádios)⁵⁵, ele sobe ao palanque na cidade de Camagüey e acusa Matos de desleal, traidor e ambicioso, “ingrato porque quisiste realizar una maniobra contrarrevolucionaria en la provincia más revolucionaria de Cuba”⁵⁶. Estrategicamente tenta exaltar Camagüey ao dizer que ela foi a província mais revolucionária de Cuba para que a população, movida pela emoção do momento, o apoiasse. Como já evidenciei neste trabalho, inclusive nas falas do próprio Camilo, Camagüey foi uma região em que os rebeldes encontraram grandes focos de resistência. Matos já esperava que acusações como estas ocorressem, em algumas linhas de sua carta de renúncia previu: “si después de todo esto se me tiene por un ambicioso o se insinúa que estoy conspirando, hay

⁵³ MATOS, Huber. **Cómo Llegó la Noche**. Barcelona: Tusquets Editores, 2002, p. 340.

⁵⁴ Carta de Renúncia de Huber Matos. Encontra-se disponível nos anexos deste trabalho.

⁵⁵ MATOS, Huber. Op. cit., p. 343.

⁵⁶ Discurso de Fidel Castro pronunciado em Camagüey em 21 de outubro de 1959. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f211059e.html>. Acesso feito em dezembro de 2013.

razones para irse, si no para lamentarse de no haber sido uno de los tantos compañeros que cayeron en el esfuerzo”⁵⁷.

Fidel, ao longo de sua explanação, tenta minimizar a atuação de Huber na luta revolucionária e afirma ao povo que a escolha de tê-lo colocado na chefia da província era em decorrência da falta de pessoas qualificadas para o cargo. A multidão solicita que lesse a carta de renúncia. Todavía, ele responde: “¡Es que no puedo leer todos los papeles aquí!”⁵⁸. A carta tinha apenas duas páginas, não haveria problema em lê-la. Como analisa Giliard Prado, ele acabou por ler a carta, mas o fez com interrupções ao longo do texto de modo a orientar a interpretação da mesma e ainda não leu o conteúdo integralmente, ocultou as partes em que Huber lhe pedia para que pudesse retornar a sua casa não como um traidor, mas como um civil e as últimas linhas em que deseja êxitos aos projetos de Fidel.⁵⁹

(...) lo que te pido no como el comandante Huber Matos, sino sencillamente como uno cualquiera de tus compañeros de la Sierra -¿te acuerdas? De los que salían dispuestos a morir cumpliendo tus órdenes-, que accedas a mi solicitud cuanto antes, permitiéndome regresar a mi casa en condición de civil sin que mis hijos tengan que enterarse después, en la calle, que su padre es un desertor o un traidor. Deseándote todo género de éxitos para tí en tus proyectos y afanes revolucionarios, y para la patria -agonía y deber de todos- queda como siempre tu compañero.⁶⁰

Huber Matos já estava condenado antes de ir a julgamento. Havia, no entanto, aqueles que não acreditaram na história de complô ou contrarrevolução, o movimento estudantil e bem como alguns setores da imprensa mostraram-se favoráveis à sua causa e alguns de seus oficiais decidiram renunciar em seu apoio. Para o governo, mais uma vez a atitude desses grupos bem como a renúncia de Lanz e Urrutia era “interpretado” por ele como uma mesma conspiração previamente arquitetada. Até mesmo Ernesto Guevara confidenciou a María Araluce, esposa de Matos, que a prisão de seu esposo havia sido um erro dos Castro.⁶¹

Cienfuegos também discursou em Camagüey no dia da prisão, no entanto, seu discurso tinha um teor bastante distinto. Suas primeiras palavras não são de acusação, e sim de tristeza:

Esta tarde, este día de hoy, ha resultado doloroso y triste para todos nosotros. (...) Hoy, tuvimos que llegar a este campamento, no con la sonrisa en los labios, ni con el abrazo fraterno que siempre dispensaremos a los compañeros de este Ejército. Hoy, un dolor profundo, un dolor amargo nos hizo llegar aquí con una seriedad poco acostumbrada en nosotros.⁶²

⁵⁷ Carta de Renúncia de Huber Matos. Encontra-se disponível nos anexos deste trabalho.

⁵⁸ Discurso de Fidel Castro pronunciado em Camagüey em 21 de outubro de 1959. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f211059e.html>. Acesso feito em dezembro de 2013.

⁵⁹ PRADO, Giliard da Silva. op. cit., p. 183.

⁶⁰ Carta de Renúncia de Huber Matos. Encontra-se disponível nos anexos deste trabalho.

⁶¹ FRANQUI, Carlos. **Camilo Cienfuegos**. Barcelona: Editorial Seix Barral, 2001, p. 157.

⁶² GÁLVEZ, William. **Señor de la Vanguardia**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988, p. 558.

Em seu discurso, a tônica de suas palavras é no sentido de lembrar aos ouvintes suas motivações revolucionárias. Afirma sim, que havia “traidores da pátria”, e que Huber estava de alguma forma envolvido com eles: “El Comandante Huber Matos se había entregado a una mala causa”⁶³. Entretanto, não o ofende diretamente. Em tom saudosista relembra as batalhas na Serra e clama aos revolucionários que se unam e compreendam o valor da revolução:

Era necesario que me reuniera aquí con ustedes, para pedirles de todo corazón que aquellos que se sientan identificados con la Revolución, no tengan una actitud que no sea la de entender con verdadero espíritu de justicia lo que se ha hecho esta tarde aquí. Que los compañeros no quieran renunciar siguiendo a Huber, ni siguiendo a nadie, porque el deber de nosotros, el deber de los soldados rebeldes es seguir a la patria (...).⁶⁴

E completa: “Que no vengan los compañeros a sentirse afectados, porque quien fue su jefe, en estos momentos atraviesa una situación difícil”⁶⁵. O cuidado nas palavras de Camilo ao referir-se ao caso, nos mostra a diferença dos discursos entre ele e o líder máximo. Castro praticamente condenou Huber em seu primeiro discurso, antes mesmo de qualquer investigação. Enquanto ele, por outro lado, é sucinto e cuidadoso em suas palavras e opta por mostrar os ideais revolucionários em detrimento de pesadas ofensas, ainda que elas apareçam de forma esparsa em seu discurso.

Matos, posteriormente no tribunal desmentiria a existência de uma conspiração:

Que sedición pudo haber existido em Camagüey? Esperé a Camilo Cienfuegos em mi casa, él me avisó que iba a llegar y mandé a recoger-lo al aeropuerto con un oficial de mi mayor confianza. No hubo actitudes de rebeldía, ningún intento de sublevación. No se disparó un tiro, nadie desenfundó un arma, no se acudió a violencia alguna. Quienes crearon el desorden en el cuartel fueron los representantes de Fidel Castro; es el propio Fidel Castro quien discute con los oficiales y, como no puede convencerlos con sus mentiras, éstos terminan presos.⁶⁶

No dia 26 de outubro, Fidel Castro faz outro pronunciamento, dessa vez em Havana, com o intuito de buscar o apoio da população para ações radicais contra aqueles que estavam em desacordo com o governo revolucionário, ao mesmo tempo em que se respalda em relação a um possível fuzilamento de Huber:

(...) mañana se reunirá el Consejo de Ministros (exclamaciones y aplausos) para discutir y decretar la ley que restablezca de nuevo, por el tiempo que sea necesario, los tribunales revolucionarios (aplausos y exclamaciones de: “¡Paredón!”). (...) quiero consultar la opinión del pueblo; ¡que levanten la mano los que crean que los que invadan a nuestro país merecen la pena de fusilamiento! (Aplausos y exclamaciones de: “¡Paredón!”); ¡que levanten la

⁶³ GÁLVEZ, William. **Señor de la Vanguardia**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988, p. 558.

⁶⁴ Ibid., p. 559.

⁶⁵ Ibid., p. 560.

⁶⁶ MATOS, Huber. **Cómo Llegó la Noche**. Barcelona: Tusquets Editores, 2002, p. 371.

mano los que crean que los terroristas merecen la pena de fusilamiento! (exclamaciones de: ¡Sí! con las manos en alto); ¡que levanten la mano los que crean que los que tripulan avionetas sobre nuestro territorio y bombardean nuestro pueblo merecen la pena de fusilamiento! (Exclamaciones de: ¡Sí! con las manos en alto); y, por último, ¡que levanten la mano los que opinen que los traidores como Huber Matos merecen la pena de fusilamiento! (Exclamaciones de: “¡Paredón!” y “¡Fusilamiento!” con las manos en alto).⁶⁷

Para Franqui, ainda que a renúncia tenha sido um ato honrado, ela terminou com a corrente reformista e democrática do governo, pois aqueles que demonstraram qualquer apoio foram exonerados de seus cargos e substituídos por políticos comunistas, como é o caso de Faustino Pérez ministro de Recuperación de Bienes Malversados, que foi substituído por Rolando Díaz; Manuel Ray Ministro da Construção, foi substituído pelo irmão comunista de Camilo, Osmany Cienfuegos; e Manuel Fernández ministro do Trabalho, foi substituído por Augusto Martínez Sánchez, secretário de Raúl.⁶⁸

As desvantagens de Huber Matos eram incontáveis, ele vai a juízo depois de ter sido praticamente condenado à morte cinco dias depois de sua prisão. Além disso, Castro tem o monopólio completo do julgamento. Ele foi julgado por um tribunal selecionado pelo próprio Fidel, em que todos os membros eram devotos incondicionais a ele, também escolheu testemunhas, lugar e público.⁶⁹ Até mesmo a apuração do ocorrido (se houve ou não conspiração) foi feita por um indivíduo de péssima fama, Manuel Piñeiro⁷⁰, que morreu muitos anos depois sob circunstâncias suspeitas. Em 1997, Piñeiro renunciou a seus cargos públicos e em março de 1998 morreu em um acidente, seu carro bateu em uma árvore⁷¹, como já aconteceu com algumas figuras importantes de Cuba. Huber, entretanto, tinha uma vantagem: morto, seria um problema, pois poderia tornar-se um mártir para uma possível contrarrevolução e, vivo, alimentaria as fileiras da oposição enquanto fosse possível.

No dia 15 de dezembro de 1959, é sentenciado a 20 anos de prisão em cárcere fechado e os outros companheiros, também julgados pelo mesmo tribunal, receberam sentenças que variaram entre 2 e 7 anos. Sua história é fundamental neste trabalho, pois foi no processo entre a sua prisão e julgamento que Camilo Cienfuegos desaparece misteriosamente. Sobre isso, falarei em profundidade adiante.

⁶⁷ Discurso de Fidel Castro em Havana em 26 de outubro de 1959. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f261059e.html>. Acesso feito em dezembro de 2013.

⁶⁸ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 57.

⁶⁹ Matos, Huber. **Cómo Llegó la Noche**. Barcelona: Tusquets Editores, 2002, p. 367.

⁷⁰ FRANQUI, Carlos. **Camilo Cienfuegos**. Barcelona: Editorial Seix Barral, 2001, p. 157.p. 58.

⁷¹ Informação oriunda da Enciclopédia cubana EcuRed. Disponível em: http://www.ecured.cu/index.php/Manuel_Pi%C3%B1eiro_Losada.

Capítulo 4

O Fim e o Começo: O Herói Desaparece

Após ser designado aos mais altos cargos no exército cubano, Camilo Cienfuegos participava de importantes decisões tanto dentro do Conselho de Ministros quanto na Direção Nacional do Movimento. Organizava as lideranças do exército, atuava na Reforma Agrária e ainda representava Fidel Castro em importantes eventos em toda a ilha.⁷² Mas, ele não era um burocrata, não estava preparado para o jogo de poder que se aproximava, não se encaixava no que estava se tornando o alto comando de Cuba. Franqui se recorda de como o encontrou no comando de Havana em 04 de janeiro:

Era de morrer de rir. Camilo estava no gabinete do comandante, com sua barba romântica e cara de Cristo, se divertindo, as botas atiradas no chão e os pés em cima da mesa, recebendo Sua Excelência o embaixador dos Estados Unidos.⁷³

Juanita teve a mesma impressão sobre ele quando foi conhecê-lo logo após o triunfo no Columbia: “Camilo agradava a todos. Era alguém que gostava de aproveitar a vida. Além do mais, era uma boa pessoa, à qual a ‘fumaça do poder’ não subiu à cabeça como muitos outros”⁷⁴.

Guevara, em um discurso em homenagem a Cienfuegos na inauguração do Ministério da Construção, reafirma que o comandante estava de algum modo em inconformidade com o novo governo:

Poucos meses após o triunfo, quando ainda estávamos na efervescência da destruição da velha ordem e apenas se começava a discutir sobre a necessidade da organização. Camilo morreu. Para mim não resta dúvidas de que, assim como corrigiu aqueles primeiros erros dos dias nascentes da guerrilha e se converteu no melhor de todos nós, assim também teria se adaptado às exigências desta nova época.⁷⁵

A quais exigências ele não estaria se adaptando? Quais erros estava cometendo assim como no início da guerrilha quando era indisciplinado? Muito se discute que a sua não adaptação ao novo governo tenha sido por sua indefinida posição política. Existiria algum lugar para ele caso ideologicamente não estivesse de acordo com o novo governo? Afinal, Camilo era ou não um comunista como durante todos estes anos o governo cubano tentou provar?

Tive acesso a 22 discursos proferidos por ele durante os dez meses em que viveu após o triunfo⁷⁶, não apreendi de nenhum deles fortes posições de esquerda. Seus discursos eram na

⁷² GÁLVEZ, William. **El Joven Camilo**. La Habana: Editorial Gente Nueva, 1998, p. 479.

⁷³ Relato de Franqui disponível em: ANDERSON, Jon Lee. **Che Guevara: Uma Biografia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997, p. 443.

⁷⁴ CASTRO, Juanita. **Fidel e Raúl, meus irmãos: a história secreta**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011, p. 214.

⁷⁵ GUEVARA, Ernesto. **Reflexões sobre a História Cubana**. São Paulo: Editora Edições Populares, 1981, p. 68.

⁷⁶ Os 22 discursos estão disponíveis na biografia feita por Gálvez: *Señor de La Vanguardia*.

verdade concebidos com um marcante nacionalismo vinculado aos pensamentos de José Martí. Somado a isso, no triunfo da revolução, Castro não escolheu Guevara para ficar em Havana justamente porque ele tinha uma notória posição marxista⁷⁷; por que escolheria Camilo se ele tivesse as mesmas posições? Além disso, após o triunfo, ele foi o primeiro rebelde a ir aos Estados Unidos com o intuito de estabelecer boas relações com este país. Sua história com os norte-americanos é repleta de “não-ditos” pela historiografia cubana, poucos sabem, mas antes do início da guerrilha, em 1956, ele se inscreveu voluntariamente para o exército norte-americano, mesmo sendo oriundo de uma família de esquerda. Essa informação constava no relatório que Piñeiro entregou a Fidel, o mesmo que acusava Huber Matos.⁷⁸ Por que ele é citado em um relatório que investigava a conspiração contra a revolução? E por que sua relação com os Estados Unidos é abordada nesse relatório?

Todavia, a maior evidência a que tive acesso de que ele não era comunista, como historicamente o governo cubano tem tentado defini-lo, foi o relato de Pedro Lanz ao senado norte-americano. Lanz, poucos dias depois de ter renunciado ao seu cargo de Chefe da Força Aérea Revolucionária e fugido de Cuba denuncia perante a comissão do senado norte-americano em Washington a infiltração comunista nas forças armadas e no governo cubano.⁷⁹ Nesse relato, Lanz enumera uma série de indivíduos que, segundo ele, eram comunistas; o nome de Camilo não aparece entre eles. Lanz se lembrou de indivíduos pouco expressivos nos meses iniciais do governo, lembrou-se inclusive do irmão de Camilo, não se esqueceria do dirigente maior do exército se ele fosse comunista.

Lanz cita: Fidel Castro; Antonio Núñez Jiménez; Augusto Martínez; Armando Hart; Vilma Espín. No exército, cita Raúl Castro; Ernesto Guevara; Manuel Piñeiro; Ramiro Valdés; o capitão Pena; Frank Torres; Juan Escalona; William Gálvez; Delio Gómez Ochoa; Lanuza; Serguera, (Cerguera); Osmany Cienfuegos; Alfredo Guevara e o General Alberto Bayo. Em nenhum momento ele é citado.⁸⁰

Em uma entrevista à revista *Bohemia*, em fevereiro de 1959, o repórter lhe pergunta até quando seria “Fidelista”, Camilo lhe responde: “Los ideales de liberación, de justicia social, política y económica por las cuales murió nuestro Apóstol, son las razones de nostra lucha. Es

⁷⁷ ANDERSON, Jon Lee. **Che Guevara: Uma Biografia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997, p. 440.

⁷⁸ FRANQUI, Carlos. **Camilo Cienfuegos**. Barcelona: Editorial Seix Barral, 2001, p. 129.

⁷⁹ ISLA, Wilfredo Cancio. **Se suicida legendário piloto anticastrista**. 2009. Disponível em: <http://www.elnuevoherald.com/2008/06/27/234674/se-suicida-legendario-piloto-anticastrista.html>. Acesso feito em fevereiro de 2014.

⁸⁰ Relato de Pedro Díaz Lanz ao senado norte-americano em 14 de julho de 1959. Disponível em <http://www.latinamericanstudies.org/us-cuba/diaz-lanz-hearing.htm>. Acesso feito em junho de 2014.

demasiado pronto para esgrimir nombres, mi aspiración es un programa con una ambición: lograr que se cumpla ese programa”⁸¹.

Muitos o associam ao comunismo, por sua origem familiar. Seu pai, ao que tudo indica, era anarquista e seu irmão Osmany era na época um conhecido comunista. Mas, até mesmo Juanita Castro que o considera adaptado ideologicamente à esquerda, afirma que entre Osmany e ele havia um verdadeiro abismo. Camilo não era contra nem a favor do comunismo, para ele, aquela revolução era simplesmente “cubaníssima”.

Nos discursos que fazia ao longo de todo país conseguiu reunir multidões. Apesar de ser idolatrado por muitos, no interior do governo revolucionário seu poder foi se esvaindo. Ao se tornar o segundo homem na direção da revolução começam a surgir os primeiros conflitos nas sucessões das lideranças.

Mesmo antes de se tornar ministro, Raúl, com o auxílio de Che, esforçava-se para formar ideologicamente os membros das forças armadas e por vezes se desentendia com o chefe do exército.⁸² Augustín Alles, um ex-repórter da famosa revista Bohemia, que cobriu a batalha de Yaguajay e acompanhou a chegada dos guerrilheiros a Havana, revela ter presenciado uma destas sérias discussões quando se dirigiu ao Columbia para fazer uma entrevista. Ao chegar ao local combinado, ali estava acontecendo uma reunião, na qual, discutiam alteradamente Cienfuegos, Guevara e Raúl. Ao sair da sala e se deparar com o repórter, Camilo perguntou se ele ouvira a discussão, Augustín rapidamente respondeu que não tinha ouvido nada. Então o comandante confidenciou-lhe que estava tendo problemas sérios com Raúl Castro e Che; pelo teor da discussão, o repórter logo percebeu que eles estavam insatisfeitos por estarem submetidos à liderança de Cienfuegos.⁸³

Um dos pontos de intensos conflitos entre Camilo e Raúl era as eleições sindicais. O primeiro, como chefe do exército rebelde, garantiu que as eleições sindicais fossem livres e que majoritariamente fossem disputadas por dirigentes operários e não por comunistas. O segundo, ao contrário, buscava destituir os dirigentes do Ministério do Trabalho e controlar os sindicatos, o que mais tarde acabou acontecendo.⁸⁴

De acordo com Franqui, os seus homens no exército foram gradativamente sendo substituídos por homens de confiança de Raúl, inclusive sua própria escolta foi desfeita. Em poucos meses sua coluna já havia desaparecido. Os membros do exército associados a ele foram

⁸¹ GÁLVEZ, William. **Señor de la Vanguardia**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988, p. 506.

⁸² FRANQUI, Carlos. **Camilo Cienfuegos**. Barcelona: Editorial Seix Barral, 2001, p. 146.

⁸³ Entrevista concedida ao Instituto da Memória Histórica Cubana contra o Totalitarismo, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=skYWH4YoMP0>. Acesso feito em maio de 2014.

⁸⁴ FRANQUI, Carlos. Op. cit., p. 199.

manejados de suas funções e enviados para suas províncias de origem.⁸⁵ A maior perda para Cienfuegos, no entanto, foi o capitão Nené López, o segundo no comando de sua coluna. Nené foi enviado por Fidel, em junho de 1959, para uma missão suicida em Santo Domingo, República Dominicana, para iniciar uma guerrilha que derrubaria o ditador Trujillo. O grupo de guerrilheiros foi massacrado, apenas 6 sobreviveram, Nené não estava entre eles.⁸⁶

Assim que percebeu que muitos homens de sua coluna foram licenciados, pediu ao comandante Félix Duque que o acompanhasse a um encontro com Raúl para descobrir os motivos de uma atitude tão drástica sem uma discussão prévia. Os dois, segundo Duque, discutiram violentamente e em meio à discussão Raúl o ameaçou com uma pistola⁸⁷. Cienfuegos o desarmou, e saiu de lá muito desapontado.⁸⁸ A revolução tinha mudado, de segundo no comando militar passou para uma posição “decorativa”. Franqui resume a situação do chefe do exército pouco tempo antes de seu desaparecimento:

Camilo nunca se sintió poder, ni amaba el poder, era inmensamente popular abajo, pero arriba había perdido el poder, que siempre tuvo más en apariencias que en realidad: su columna, desaparecida; sus hombres substituidos; y ahora Raúl Castro jefe del Ejército. ¿Estaba Camilo preparado para unirse a una confusa oposición? No (...) Camilo estaba en una situación sin salida.⁸⁹

Huber Matos, em algumas passagens de seu livro de memórias, confirma a difícil posição do comandante. Em uma conversa que teve com Fidel nos primeiros meses do triunfo, ele lhe confessou:

Tú lo conoces, es un hombre extraordinariamente bueno, exuberante, simpático, con un imán muy especial para ganarse la gente. Al pueblo le cae de maravilla; pero Camilo no es el hombre para esa función [jefe do ejército]. Es muy desordenado y bohemio, con él nunca vamos a tener lo que se dice un verdadero Estado Mayor. Sin embargo, no lo podemos cambiar, sus méritos revolucionarios y su ascendencia sobre la tropa y los civiles son un impedimento serio como para moverlo de ese cargo.⁹⁰

Quando Huber Matos renuncia, Camilo é enviado a Camagüey para prendê-lo. Seu desaparecimento não ocorreu nesse momento. Matos já estava preso em Havana quando ele volta a Camagüey em 28 de outubro de 1959, e no retorno da província desaparece. Os cubanos ficaram sabendo do desaparecimento nas primeiras horas da manhã do dia 30 de outubro – dia em que iniciaram-se as buscas – através de uma nota publicada no jornal *Revolución*, entregue

⁸⁵ MATOS, Huber. **Cómo Llegó la Noche**. Barcelona: Tusquets Editores, 2002, p. 147.

⁸⁶ Ibid., p. 128.

⁸⁷Recentemente surgiu uma nova versão sobre esse episódio. Cf: http://www.diariodecuba.com/cuba/1412694867_2247.html. Acesso feito em novembro de 2014.

⁸⁸ MATOS, Huber. Op. Cit., p. 129.

⁸⁹ Ibid., p. 148.

⁹⁰ Ibid., p. 308.

pelo comandante Juan Almeida. Contudo, somente no dia 12 de novembro, no pronunciamento oficial, Camilo é dado como morto.

4.1 A Versão Oficial

O senso comum, ainda hoje, acredita que a história é a procura da verdade objetiva, única. Mas, o que fazer, quando aparecem diferentes versões, como se a verdade tivesse não um rosto, mas uma sucessão de máscaras, alternadas, alternativas? A experiência dos anos 60 é assim: como um quebra-cabeças, recusa-se a avaliações definitivas. (...) Apropriar-se deste passado, monopolizar, se possível, a sua memória, passa a ser um objetivo crucial, inclusive porque, como se sabe, o controle do futuro passa, em larga medida, pelo do passado, dado, por sua vez, aos que imprimem na memória coletiva a sua específica versão dos acontecimentos.⁹¹

De acordo com a versão oficial, Cienfuegos viaja a Camagüey em 28 de outubro para tratar de assuntos relacionados ao caso Huber Matos – indiretamente Matos fica com o peso histórico de estar relacionado com a sua morte. Fidel comparece à televisão cubana quinze dias depois do desaparecimento para apresentar, segundo o governo, o ocorrido⁹²: Camilo saiu de Havana às 11:59 em um avião tipo Cessna 310, número 53, bimotor, conduzido pelo piloto primeiro tenente Luciano Fariñas, escoltado pelo sargento Félix Rodrigues e o capitão Senén Casas Regueiro, este último foi incluído no avião de última hora por ordens de Raúl, ocupando o lugar de um outro soldado de confiança do comandante que faria a viagem.⁹³ Às 13:30 o avião chega em Camagüey (centro da ilha), às 13:40 parte com o piloto e o capitão Regueiro para Santiago de Cuba (extremo oriente da ilha) local em que o capitão desembarcaria. Às 14:35 chega a Santiago, o avião fica estacionado por uma hora, por motivos não explicados na versão oficial. Às 15:35 retorna a Camagüey. Às 18:01 sai de Camagüey com destino à Havana (ocidente da ilha) com o comandante, Félix e o piloto. O avião tem capacidade de combustível para 4 horas de voo, quando ainda estava em Santiago ele foi abastecido, calculando os gastos até Havana, o avião tinha a margem de 1 hora de combustível para qualquer eventualidade.⁹⁴

Ainda de acordo com Fidel, e com uma suposta informação do Observatório Nacional, no momento da viagem havia uma forte tempestade que se estendia pelo centro da ilha, de Ciego de Ávila até Matanzas, ou seja, toda região de Las Villas. A principal hipótese proposta

⁹¹ REIS, D. A.; GASPARI, E.; BENJAMIN, C. **Versões e ficções – O sequestro da História**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997, p. 101.

⁹² Pronunciamento taquigrafado, disponível em: GÁLVEZ, William. **Señor de la Vanguardia**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988, p. 469.

⁹³ Ibid., p. 467.

⁹⁴ Ibid., p. 473.

pelo governo é que na tentativa de desviar-se da tempestade o avião tenha se distanciado muito ao norte e ficado sem combustível para pousar em segurança em alguma parte do território. Para sustentar sua versão, Castro leva para seu pronunciamento televisivo dois pilotos da empresa de aviação Cubana. Os ditos pilotos, em nenhum momento menciona-se os nomes deles, fizeram um trajeto parecido com o de Cienfuegos. O primeiro decolou de Camagüey às 18:10, ou seja, 9 minutos após a decolagem do avião do comandante, com destino também a Havana e confirma a informação de uma forte tempestade, de ventos fortes, chuvas e raios no centro da ilha que o obrigou a tomar uma rota pelo norte para desviar-se do mau tempo. O segundo decola de Havana com destino a Camagüey às 19:30, horário em que o avião de Camilo, em situações normais, estaria na metade do trajeto. O segundo piloto também optou pelo norte, já que segundo suas informações as condições do tempo eram muito ruins entre o centro e o sul da ilha. Segundo os dois pilotos, um avião bimotor, como o desaparecido, não era adequado para enfrentar uma tempestade como aquela, era necessário desviar a rota e tudo indicava que tivesse escolhido o norte e possivelmente tenha caído ao mar devido à falta de combustível.⁹⁵

Os pilotos, orientados pelas perguntas de Castro, afirmaram que o piloto Fariñas não teria experiência suficiente em tempestades como aquela, as mais de duas mil horas de voo que possuía, não o ajudariam, pois a experiência deveria ser específica naquele tipo de voo. Levantaram ainda possibilidades de desvio da rota em decorrência dos ventos, perda dos sentidos e falta de instrumentos necessários que aumentassem as possibilidades de sobrevivência.⁹⁶

Para traçar a possível rota percorrida pelo avião naquela fatídica noite, Fidel baseou-se em duas informações: os únicos aeroportos iluminados da ilha, de Camagüey à capital, eram o de Varadero e o de Havana, ou seja, no norte da ilha; segundo investigações, em ocasiões semelhantes a essa, o piloto Fariñas havia optado por desviar-se das tempestades voando também pelo norte. Dadas as circunstâncias, as probabilidades de que ele teria optado pela mesma rota levaram o governo cubano a iniciar as buscas pelo norte.⁹⁷

As buscas começaram efetivamente no dia 30 de outubro, ou seja, 2 dias depois do desaparecimento. A região central da ilha e o mar foram recortados em quadros de buscas, como pode ser observado no mapa utilizado por Fidel no anúncio televisivo que disponibilizo abaixo.

⁹⁵ Pronunciamento taquigrafado, disponível em: GÁLVEZ, William. **Señor de la Vanguardia**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988, p. 475.

⁹⁶ Ibid., p. 479-483.

⁹⁷ Ibid., p. 472.

O governo contou com a ajuda dos Estados Unidos e do povo para vasculhar terra e mar à procura do comandante. A expressiva participação da população nas buscas pelo avião é um importante indicador do apreço e também da ampla popularidade que adquiriu no pouco tempo que viveu após o triunfo.

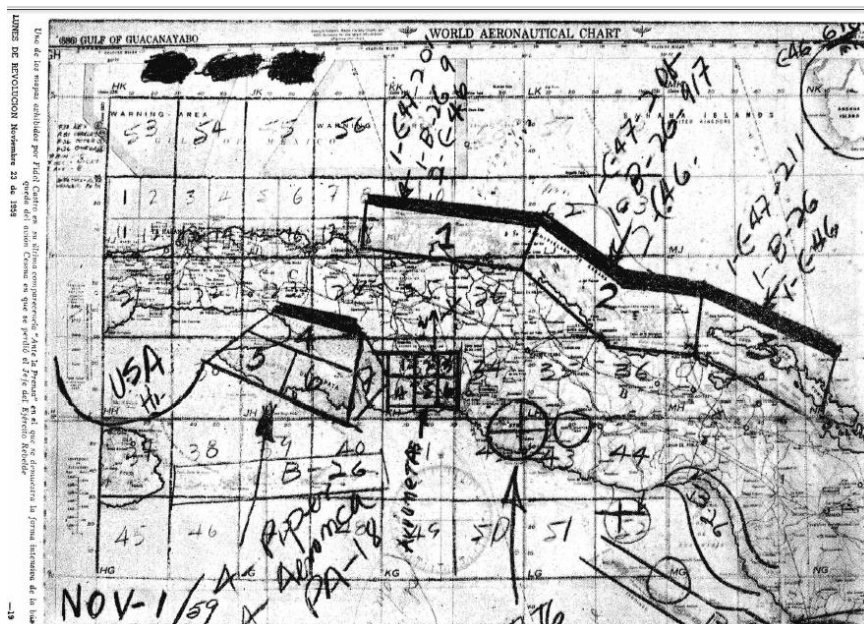


Figura 4: Um dos mapas apresentados por Fidel no pronunciamento oficial do desaparecimento de Camilo Cienfuegos. Fonte: Jornal Revolución, nº 36, de 23 de nov. de 1959.

A primeira pista a ser explorada era oriunda de Punta Alegre, um povoado de Ciego de Ávila na costa norte da ilha. A central de Punta Alegre afirmou que às 20:30 do dia do desaparecimento, um avião com as características do desaparecido voou baixo sobre a área fazendo sinais com luzes. Um dirigente local que presenciou o ocorrido imediatamente saiu com uma lancha dando voltas pela baía à procura da aeronave, suspeitando tratar-se de um avião pirata. Baseado em tais informações e nas expressivas possibilidades de que o piloto tivesse tomado aquela direção, Fidel inicia as buscas por toda a *cayería*⁹⁸ do norte com aviões e na costa da ilha com barcos. Os pilotos cobriram uma área de 43.200 milhas quadradas. Nada foi encontrado.⁹⁹

No segundo dia, com a ajuda da Força Área norte-americana, cobriu-se todo o mar de Cuba até Cayo Hueso ou Key West na Flórida. Ao sul fizeram buscas em Ciénaga de Zapata e Escambray, até as Ilhas Caymán. Nenhum vestígio foi encontrado. No terceiro dia de buscas, as equipes cubanas receberam informações de um barco espanhol, o “Virginia de Churruca”: na noite do desaparecimento, navegando a 60 milhas de Caibarién com destino a Flórida, viram

⁹⁸ Conjunto de pequenas ilhas rasas, arenosas, formadas na superfície de um arrecife de coral. Frequentemente alagadiças apresentam-se cobertas de mangue em sua maior parte, e as praias são de baixa profundidade.

⁹⁹ GALVEZ, William **Señor de la Vanguardia**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988, p. 486.

passar a noroeste (sul da Flórida) um avião vermelho e branco de dois motores. Segundo o capitão do barco, o tempo era normal e sem nuvens. Receberam ainda informações de alguns pescadores de Cayo Santa María que às 19:00 viram passar por eles um avião com as mesmas características do avião do comandante. Foram realizadas buscas nos locais já mencionados e em outros que surgiram (Cayo Francés e Cayo Anguila), nada foi encontrado.¹⁰⁰ Paralelamente às buscas aéreas e navais, grande parte do povo cubano prosseguia com as buscas pelo território. Novamente, nem o avião nem os restos mortais da tripulação foram encontrados.

Durante as buscas, uma emissora de rádio comunicou à população o aparecimento de Camilo Cienfuegos em Cayo Largo. Uma multidão saiu em júbilo às ruas, tão logo souberam da notícia. Organizaram-se espontâneas manifestações com bandeiras de Cuba e do movimento 26 de Julho nas fachadas dos prédios e das casas.¹⁰¹ A notícia era falsa. E não se sabe ao certo quem inventou tamanha mentira ao povo cubano. No pronunciamento de 12 de novembro, Fidel culpou os inimigos de Cuba pelo ocorrido:

Por qué se hizo eso, y quién pudieron haber lanzado esa noticia? Semejante noticia que hizo incurrir a todos en una especie de locura. En locura por parte de las estaciones de radio, en locura, por parte del pueblo, en desesperación por parte de todos nosotros que presenciamos aquello, impotentes de poderlo evitar. Porque aquel día, unos han dicho que si aquel hecho sirvió para demostrar la fe, el entusiasmo, el fervor del pueblo, sin embargo, yo creo que algunos de nosotros, pocas veces en nuestras vidas hemos pasado momentos más malos que esos.¹⁰²

A falsa notícia sobre o aparecimento é quase tão intrigante quanto o próprio desaparecimento. Quem teria feito esse anúncio? E por que o fariam?

O governo afirma ter feito tudo que era humanamente possível para encontrar o avião desaparecido, buscou todas as áreas prováveis, seguiu todas as pistas que surgiram no período das buscas, inclusive pessoas que chegavam à FAR informando que tinham sonhado ou que tiveram visões do local em que o avião estava, até as pistas dessas pessoas foram seguidas, mas nada foi encontrado.¹⁰³ Ao final de seu anúncio televisivo, fala sobre as outras versões que surgiram a respeito do desaparecimento, concomitante a versão oficial:

(...) jamás se podía admitir es precisamente algunas de las cosas que se han tratado de insinuar canalllescamente, porque vamos a ver, vamos a discutir, vamos a sacar a relucir las bolas y todas las cosas que se quieran porque en definitiva nosotros no tenemos nada que ocultar, porque en definitiva creo que nosotros nos hemos acreditado suficientemente ante el pueblo de haberle

¹⁰⁰ Ibid., loc. cit..

¹⁰¹ **Buscando a Camilo Cienfuegos.** Publicação no site Cubadebate. Disponível em: <http://www.cubadebate.cu/noticias/2009/10/28/buscando-camilo-cienfuegos/#.VC8bQvldWAV>. Acesso feito em dezembro de 2013.

¹⁰² GÁLVEZ, William. **Señor de la Vanguardia.** La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988, p. 489.

¹⁰³ GÁLVEZ, William. **Señor de la Vanguardia.** La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988p. 491.

dicho siempre la verdad, siempre en todas las circunstancias, por duras que sean, por caras que cuesten, por mucho que se puedan significar de sacrificio en cualquier sentido, nosotros jamás al pueblo hemos ocultado nada, ni lo hemos engañado, ni le hemos dicho una mentira y creo que tenemos todo el derecho a esperar que las cosas que nosotros le decimos al pueblo, se las decimos con entera y absoluta franqueza, y que creo que nunca nadie le ha hablado del pueblo como le hemos hablado nosotros, y sin embargo, ustedes mismo y todo el pueblo ha sido testigo de las cosas malévolas, mal intencionadas, pérfidas, intrigantes, venenosas que ha estado tratando de rodear el caso de este compañero desaparecido.¹⁰⁴

Essa foi uma das poucas vezes em que se defendeu abertamente diante das acusações que surgiram em torno do caso. Para muitos, Cienfuegos não foi vítima de um acidente e sim de um crime político premeditado. A defesa de Fidel se sustenta em afirmações historicamente questionáveis, como quando participou aqui no Brasil, na década de 90, de um programa na TV Cultura e afirmou para todo país que no governo revolucionário não houve desaparecimentos.¹⁰⁵

Termina o comunicado lembrando ao povo os feitos daquele, que segundo ele, caiu cumprindo seu dever de defender a pátria.

Sin embargo, ese hombre es un hombre de pueblo, que salió del pueblo; no era ningún privilegiado; no tuvo aquellos honores y aquella gloria porque alguien se las diera, sino porque se las ganó. Y el consuelo que debe tener nuestro pueblo es que en el pueblo hay muchos Camilos, y Camilo seguirá viviendo en hombres como él y seguirá viviendo en hombres que se inspiren en él, porque lo único que nosotros podemos pedirle a nuestro pueblo es que cada vez que la patria se encuentre en una situación difícil, que cada vez que la patria se encuentre en un momento de peligro, se acuerde de Camilo.¹⁰⁶

É importante observamos como o passado conflui com o presente e com as expectativas do futuro. A fala de Fidel Castro nos revela isso, pois além do ato de recordar o líder desaparecido, ao mesmo tempo ele se torna um imperativo histórico do que o futuro deverá cumprir. Nesse sentido, como afirma Catroga “o passado, ou melhor, certa representação dele, é oferecido como lição ao presente”¹⁰⁷.

É indubitável a relação que foi criada pelo governo cubano entre Huber Matos e a morte de Camilo. Em um discurso proferido por Castro na entrega do acampamento militar “Cuartel Agramonte” e inaugurações do centro escolar e dos hospitais em Camagüey, em 27 de novembro de 1959, ele afirma sem rodeios:

Dura ha sido la lucha en los últimos años. Compañeros queridos entrañablemente han caído. No está hoy, por ejemplo, entre nosotros el compañero Camilo Cienfuegos (aplausos), a quien con dolor profundo recordamos en este acto (...) Duro es este camino donde muchas veces

¹⁰⁴ Ibid., p. 491.

¹⁰⁵ Entrevista de Fidel Castro em 1990 ao programa Roda Viva na TV cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3YxnqFWZN0>. Acesso em março de 2014.

¹⁰⁶ GÁLVEZ, William. Op. Cit., p. 493.

¹⁰⁷ CATROGA, Fernando. “Memória e história” In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001, p. 63.

tenemos que notar la ausencia de compañeros que como él comenzaron con nosotros esta lucha; más duro todavía es pensar que ese compañero perdió la vida - como dicen muchos letrero - combatiendo la traición (exclamaciones). ¡Caro que nos ha costado una traición que significó para nosotros la pérdida de Camilo Cienfuegos!¹⁰⁸

Um pouco mais tarde, Ernesto Guevara também escreveria sobre o “inimigo” que supostamente matou Camilo na introdução do seu livro *Guerra de Guerrilhas*. Ainda que nenhum dos dois (Fidel e Che) pronunciem o nome de Huber Matos, sua identidade fica claramente subentendida nos dois discursos:

¿Quién lo mató?

Podríamos mejor preguntarnos: ¿quién liquidó su ser físico? porque la vida de los hombres como él tiene su más allá en el pueblo; no acaba mientras éste no lo ordene. Lo mató el enemigo, lo mató porque quería su muerte...¹⁰⁹

Ao que tudo indica, Cienfuegos viajara a Camagüey para apurar com mais precisão a suposta conspiração, por isso no dia 28 de outubro interrogou homens do capitão Jorge Henrique Mendoza, acusados posteriormente de terem ajudado Castro a montar a farsa em Camagüey.¹¹⁰ Mais do que por sua renúncia, Matos foi historicamente condenado por ter supostamente criado meios que possibilitaram o desaparecimento e a morte de um dos mais amados heróis de Cuba. Um peso que ele carregou até o seu último dia.



Figura 5: Pronunciamento Oficial em 12 de novembro de 1959. Fonte: Granma.

¹⁰⁸ Discurso pronunciado por Fidel Castro na província de Camagüey. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f271159e.html>. Acesso feito em dezembro de 2013.

¹⁰⁹ GUEVARA, Ernesto. **A guerra de guerrilhas**. São Paulo: Edições Populares, 1982.

¹¹⁰ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Editora Record: Rio de Janeiro, 1981, p. 67.

Capítulo 5

Das Sombras à Luz: Outras Versões

“(…) somos condenados sempre a conhecê-lo [o passado] por meio exclusivamente de seus vestígios, conseguimos todavia saber sobre ele muito mais do que ele julgara sensato nos dar a conhecer. É, pensando bem, uma grande revanche da inteligência sobre o dado. Mas, a partir do momento em que não nos resignamos mais a registrar simplesmente as palavras de nossas testemunhas, a partir do momento em que tencionamos fazê-la falar, mesmo a contragosto, mais do que nunca impõe-se um questionário. Esta é, com efeito, a primeira necessidade de qualquer pesquisa histórica bem conduzida”.¹¹¹

Marc Bloch foi, sem dúvidas, um dos mais brilhantes historiadores da contemporaneidade. Suas obras são valiosas contribuições para reflexão acerca da prática historiográfica. No trecho acima selecionado, Bloch nos revela a necessidade de buscar nos testemunhos do passado mais do que eles julgam sensato nos fazer conhecer. Buscar o que está oculto, mas que ainda assim, continua ali, à espera de ser descoberto. É o que ele chamou de “a revanche da inteligência sobre o dado”. Amparada nestas posições pretendo a partir de agora levantar os pontos de esquecimento na história do desaparecimento de Camilo Cienfuegos que permitem não somente reconstruir um pouco da sua história a partir de outras perspectivas, mas também avaliar as dimensões das construções memoriais e as guerras simbólicas que as entremeiam.

Nenhum acontecimento se esgota em uma única narrativa. Os discursos hegemônicos, através de estratégias bem estabelecidas, impõem-se sobre os demais, mas isso não os tornam únicos e tampouco os tornam a própria realidade. Todo discurso está carregado de história e preso ao seu lugar de fala, marcado por intensas disputas de interesses. Como propõe Georges Duby, a “ideia de verdade em história se deslocou, modificou-se porque a história passou a se interessar menos pelos fatos que pelas relações”¹¹². Por conseguinte, o modo como os cubanos se relacionam com o desaparecimento do Camilo põe em cena dados marginais, pistas infinitesimais, que nos permite a captação de uma realidade mais profunda. Suas memórias carregam consigo as marcas e dores dos momentos que viveram. Como nos revela Roussio, a história produzida com memórias é sempre uma história das feridas abertas, de interrogações atuais e palpitantes sobre determinados períodos que “não passam”¹¹³. As versões aqui

¹¹¹ BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar: 2001, p.78.

¹¹² DUBY, Georges. **A História Continua**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993, p. 59.

¹¹³ ROUSSIO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FIGUEREDO, J. e FERREIRA M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2006, p. 95.

apresentadas, são versões a partir da perspectiva de um lugar de resistência ao oficialismo, mas são, sobretudo, discursos de legitimação da própria história destes indivíduos.

Muitos cubanos dedicaram em seus livros de memórias, pelo menos um capítulo ao desaparecimento de Cienfuegos, pois além de ser um tema instigante e polêmico, tornou-se também, ao longo dos anos, muito lucrativo. Quem não gostaria de saber o que aconteceu com o famoso e carismático comandante? Era a certeza de algumas centenas de exemplares vendidos. Todavia, a versão mais esperada era, sem dúvidas, a versão de Huber Matos, presa com seu dono, ao longo de 20 anos, nos cárceres castrista.

Em 21 de outubro de 1979, Huber foi posto em liberdade e obrigado a sair do país. Quando chegou à Costa Rica, país que escolheu se instalar temporariamente, uma multidão o esperava às portas do avião. Repórteres de vários países lançaram-lhe um sem número de perguntas de toda sorte, dentre elas, a que prevalecia era: “¿Qué puede decirnos de la muerte de Camilo Cienfuegos?”¹¹⁴

Ele participou ao longo de todos estes anos de inúmeras entrevistas e documentários sobre a Revolução e sobre a morte do comandante. Sua resposta era sempre: “No tengo duda que lo mataron”¹¹⁵. Em 2002, escreveu um livro de suas memórias *Cómo llegó la noche* e nele, consolidou sua posição sobre os acontecimentos do dia 28 de outubro.

Para Matos, a decisão tomada por Fidel de enviar Camilo para prendê-lo no dia de sua renúncia, já era uma estratégia para eliminá-lo. As rádios de Camagüey passaram horas insultando o chefe da província e seus homens; esperava-se, baseados nos insultos e nas proporções adquiridas pela renúncia, uma forte resistência à prisão por parte do regimento. A desvantagem numérica eliminaria facilmente os poucos vinte homens que chegaram junto a Cienfuegos. Huber recorda: “De esta manera Fidel y Raúl eliminarían a Camilo y quedaría yo ante la historia como un despreciable cobarde que asesinó al más popular de los comandantes de la Revolución”¹¹⁶.

Ele ficou sabendo do desaparecimento em sua prisão em Havana. Espantou-se ao ler nos jornais que o chefe do exército vinha de Camagüey, porque segundo ele, o comandante retornava de Santiago de Cuba e fez escala em Camagüey para ~~a~~ reabastecer o avião e nesse meio tempo deve ter feito outras gestões, a informação errônea o responsabilizava indiretamente pelo desaparecimento.¹¹⁷

¹¹⁴ MATOS, Huber. **Cómo Llegó la Noche**. Barcelona: Tusquets Editores, 2002, p. 28.

¹¹⁵ Conversando com Huber Matos Sobre Camilo Cienfuegos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LCf995hf1Ck>. Acesso em julho de 2014

¹¹⁶ MATOS, Huber. Op. cit., p. 343.

¹¹⁷ Ibid., p. 359.

Quando ocorreu o falso aparecimento, Matos revela que Castro desmentiu com tamanha certeza que parecia saber que o comandante não apareceria mais. O irmão de Camilo, Osmany Cienfuegos, se cala por conveniência. A conveniência a que se refere certamente está relacionada à nomeação de Osmany para a direção do Ministério da Construção pouco tempo depois da morte do irmão, em 1960. Na sua prisão em *El Morro*, chegam rumores de um atentado. Para ele, tais rumores têm sua lógica. Quando ainda estava em Camagüey, ao constatar não haver nenhuma conspiração, Cienfuegos ligara para Fidel e dissera que tudo aquilo não passava de uma “metedura de pata”¹¹⁸. Somadas ainda as mensagens angustiantes que recebera dele quando já estava preso, estava claro que havia uma crise entre os dois líderes. Nessas mensagens, o comandante dizia encontrar-se em uma situação difícil e responsabilizava Matos, de certa forma, pela atual situação de ambos. Ainda o alertava para que de maneira nenhuma enfrentasse o tribunal e finalizava pedindo que ele ignorasse a “mierda” que estava sendo dita a seu respeito.¹¹⁹

Além disso, segundo o autor, Raúl tinha ódio em relação a Camilo, por sua popularidade dentro do exército, junto ao povo, com a posição que galgou rapidamente no alto comando cubano e por ter se tornado um obstáculo às ambições dos Castro.¹²⁰ Pairava ainda sobre eles a incerteza de como seria a conduta do comandante no julgamento de Matos, uma vez que como Chefe do Estado Maior do Exército Rebelde, e responsável pela prisão teria que presidir o julgamento. Diante de tudo isso, não era uma conjectura a afirmação de que os irmãos Castro fossem os autores intelectuais da única opção que lhes restava: o desaparecimento de Cienfuegos.¹²¹

Huber finaliza sua posição em relação ao que aconteceu no dia 28 de outubro, lembrando-se dos seus pensamentos no dia anterior à sua condenação:

Mañana será el juicio que Camilo quería evitar insistiendo en que me fugara hacia Estados Unidos. Le tenía miedo. Fidel quería obligarlo a enfrentarse conmigo, a que me atacara con mentiras ante el tribunal. ¡Pobre Camilo, atrapado entre Fidel y la lealtad a nuestros principios revolucionarios! Raúl no iba suportar que, eliminando yo, Camilo pudiera disputarle el segundo puesto en la jerarquía de la Revolución.¹²²

¹¹⁸ MATOS, Huber. **Cómo Llegó la Noche**. Barcelona: Tusquets Editores, 2002, p. 346. A expressão pode ser traduzida como disparate, equívoco.

¹¹⁹ Ibid., p. 359.

¹²⁰ Ibid., p. 360.

¹²¹ Ibid., loc. cit.

¹²² Ibid., p. 364.



Figura 6: Fidel Castro e Osmany Cienfuegos (irmão de Camilo) no período das buscas pelo avião desaparecido. O silêncio de Osmany durante 55 anos sobre a morte do irmão é ainda um dos pontos que suscita muitas suspeitas no caso.

Fonte: Cubadebate.

A versão de Carlos Franqui é claramente uma das versões mais assentada em fontes históricas. Franqui foi um importante jornalista do governo revolucionário cubano. Foi diretor de serviços de rádio durante a campanha da Serra Maestra contra Batista e depois editor do jornal *Revolución*.¹²³ Foi destituído da direção do jornal por Fidel Castro em 1963. Exilado desde 1968, momento em que rompeu oficialmente com o regime cubano, morreu em 2010, em Porto Rico. Ao fim da revolução, recebeu das mãos de Camilo Cienfuegos importantes documentos sobre a luta revolucionária que permitiram-lhe, em 2001, escrever uma biografia sobre o comandante. Na biografia em questão, ele parte de importantes questionamentos, para evidenciar o caráter premeditado e criminal do desaparecimento.

Diante de intensas pesquisas, tudo o faz pensar que a aeronave que conduzia Cienfuegos foi sabotada. Dentre muitas questões contraditórias apontadas pelo autor, a suposta falta de comunicação com o controle aéreo ou com os aeroportos de Camagüey e Havana, somada à substituição do homem de Camilo pelo homem de confiança de Raúl, mesmo havendo assentos disponíveis, e o tempo que o avião ficou estacionado em Santiago de Cuba com Senén Casas, indicariam que ele foi sabotado.¹²⁴ Segundo o autor, os 60 minutos, não explicados pela versão oficial, foram tempo suficiente para que homens a mando de Raúl instalassem algum mecanismo no rádio do Cessna que impossibilitasse a comunicação do piloto com qualquer centro de controle. Independente da forma como desapareceriam com o comandante, era

¹²³ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981.

¹²⁴ Idem. **Camilo Cienfuegos**. Barcelona: Editorial Seix Barral, 2001, p. 183.

primordial que a comunicação fosse inviável ao pedido de socorro ou posteriormente convertida em mais provas contra o governo cubano.¹²⁵

Franqui não entende como Raúl, conhecido por sua rígida disciplina, pudesse ter ignorado por tanto tempo o desaparecimento de um dos seus principais dirigentes. Fidel, em seu pronunciamento oficial, afirmou ter ficado sabendo do desaparecimento às 17 horas do dia 29 de outubro. Pelo tardar da hora, não haveria, segundo ele, como empreender buscas naquele horário, era necessário esperar o amanhecer do dia 30.¹²⁶ Ainda segundo o *comandante em jefe*, era comum oficiais mudarem suas rotas sem um aviso prévio, por isso não houve uma preocupação excessiva no começo.¹²⁷ Em meio às buscas, o avião de Raúl também desapareceu, contudo rapidamente foi encontrado, não esperaram dois dias para procurá-lo. Camilo deveria ter chegado em Havana às 20:30 do dia 28 de outubro, passaram-se 21 horas até o horário em que Fidel afirma ter sido informado sobre o desaparecimento. Como o Chefe do Estado Mayor do Exército Rebelde desaparece e Raúl – Ministro das Forças Armadas - e Fidel – Primeiro Ministro de Cuba – tomam conhecimento 21 horas depois? Este é realmente um ponto de extrema inconsistência na versão apresentada, que suscita prolongadas dúvidas sobre o motivo da demora do governo cubano em procurar o líder desaparecido.

Torralba, alto chefe da aviação militar, informou oficialmente ao comandante Almeida, Chefe das Forças Aéreas Revolucionárias, às 3:10 da manhã na madrugada do dia 28 para o 29, que Camilo não chegara a seu destino.¹²⁸ Se Almeida no mesmo dia ficou sabendo do desaparecimento, como é possível que os Castro tenham ficado sabendo apenas 16 horas depois do horário em que Almeida recebeu a notícia?

Uma das maiores contradições no caso do desaparecimento foi uma nota publicada nas primeiras horas da manhã do dia 30 no jornal *Revolución*, entregue ao dito jornal pelo Comandante Almeida na noite do dia 29. A nota dizia:

La sección de Prensa y Radio del Estado Mayor del Ejército Rebelde informó anoche lo siguiente: Se hace saber por medio a la opinión pública, que en el día de ayer, 28 de octubre, a las 6:01 pm salió del aeropuerto de Camagüey, el avión bimotor de las FAR, marca CESSNA 310 n°. 53 de **cinco plazas**, rumbo a La Habana, conduciendo al Jefe del Estado Mayor del Ejército Rebelde, comandante Camilo Cienfuegos quien iba acompañado por el piloto de dicho avión, primer teniente Luciano Fariñas Rodríguez y el soldado rebelde Félix Rodríguez, los que desgraciadamente, no han llegado a su destino. **Las búsquedas efectuadas hasta ahora, han resultado**

¹²⁵ FRANQUI, Camilo Cienfuegos. Barcelona: Editorial Seix Barral, 2001, p. 183.p. 153.

¹²⁶ GALVEZ, William. *Señor de la Vanguardia*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988 p. 469.

¹²⁷ Ibid., p. 469.

¹²⁸ FRANQUI, Carlos. Op. Cit., p. 178.

infructuosas, las que se reanudaron hoy en toda el área comprendida entre La Habana y Camagüey.¹²⁹

A nota produzida no dia 29 informa que estavam sendo realizadas buscas por todo o centro da ilha. Como estariam buscando-o se Fidel apenas soube do seu desaparecimento no final da tarde do mesmo dia 29 e só começou as buscas no dia 30 pela manhã? Ainda segundo o mesmo comunicado, o avião tinha “cinco plazas”, ou seja, cinco assentos. Qual seria então a necessidade de substituir um dos homens que Camilo levava para levar o capitão Senén Casas Regueiro a mando de Raúl se ainda havia um assento desocupado no avião?

Não restam dúvidas que, mediante a necessidade de alteração na rota do voo, o piloto informaria a central ou controle de tráfego aéreo o motivo da alteração e o novo trajeto que percorreria. Do mesmo modo, em uma hipotética situação de falta de combustível como o governo cubano acredita que ocorreu, o piloto solicitaria ajuda ou informaria via rádio a situação crítica em que se encontrava. Fidel nunca apresentou as comunicações que supostamente podem ter sido feitas entre o avião e o controle aéreo. Tampouco mencionou a existência ou não existência das mesmas, apenas silenciou este fator tão decisivo na reconstrução do que possa ter ocorrido. Ele poderia ter usado essas comunicações para se resguardar das acusações que estavam recaindo sobre ele, mas não o fez.

Segundo Franqui, três dias após a decolagem do avião em Camagüey foi publicado no *Diario La Marina* a declaração do capitão Fortuño, ajudante da Força Aérea Rebelde de Camagüey. Segundo suas declarações, no momento da decolagem do avião notou que “un motor estaba fallando”¹³⁰. Por que ele não foi convidado a declarar, como os outros pilotos, o que havia visto?

Castro não considerou nenhuma alternativa que não a do acidente. Poderia ter pensado em sabotagem, ou que o avião tivesse sido derrubado por engano pela própria força aérea cubana (posteriormente veremos que isso também acontecia) ou que a aeronave pudesse ter sido sequestrada, sobre esta última possibilidade, ele apenas afirmou: “Yo conosco bien, todos nosotros los que lo conocemos bien, sabemos que a Camilo no se le secuestra. Camilo despierto, Camilo consciente, no hay nadie que se lo pueda llevar para ninguna parte”¹³¹. As proposições de Fidel foram o tempo todo vagas e muitas vezes imprecisas.

Ainda segundo Franqui, desaparecimentos, fugas, mortes e ou suicídios de pessoas que de alguma forma poderiam esclarecer os fatos a respeito do desaparecimento começaram a

¹²⁹ Periódico *Revolución*, La Habana, 30 de octubre de 1959. Disponível em: FRANQUI, Carlos. **Camilo Cienfuegos**. Barcelona: Editorial Seix Barral, 2001, p. 179.

¹³⁰ Ibid., p. 176.

¹³¹ GALVEZ, William. **Señor de la Vanguardia**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988, p. 490.

acontecer em Cuba. Para citar apenas alguns exemplos, o controlador oficial do aeroporto de Camagüey à época, apareceu pouco tempo depois morto e posteriormente foi oficialmente declarado como suicida. Sobre o dito controlador, o autor recorda-se: “ele repetia nervosamente aos repórteres: ‘había mal tiempo, había mal tiempo, había mal tiempo’”¹³². Quanto a outros dois pilotos militares que estiveram no aeroporto de Camagüey naquela tarde, um deles fugiu de Cuba e o outro desapareceu em uma posterior ação militar.¹³³

Mas, o caso mais expressivo, não mencionado por Franqui, foi a do Cristino Naranjo. Naranjo era um capitão do exército rebelde, junto a Camilo travou importantes batalhas na expansão da guerrilha para o ocidente da ilha. Depois do triunfo, foi promovido ao cargo de Chefe do Batalhão de Segurança do Estado Maior do Exército Rebelde. Quando Huber renunciou, Cristino participou, segundo informações da enciclopédia cubana - Ecured, do desmantelamento da “conspiração” e posteriormente das buscas do seu líder e amigo pessoal desaparecido.¹³⁴ Continuou investigando o desaparecimento até o dia 12 de novembro de 1959. No momento em que entrava na Ciudad Libertad para um dia normal de trabalho foi assassinado, sem nenhum motivo aparente, por Manuel Beatón.¹³⁵ O motivo de seu assassinato até os dias atuais não foi esclarecido oficialmente, nem mesmo investigações posteriores foram feitas. O autor do crime foi fuzilado pouco tempo depois, sem um julgamento prévio.

Todavia, ainda que todas as proposições de Carlos Franqui sejam de extrema importância para entender o caso Camilo Cienfuegos, a sua maior contribuição está relacionada à extensa pesquisa que realizou sobre Osvaldo Sánchez.

À época do desaparecimento, uma das versões que começou a circular entre os membros do exército rebelde e da milícia que operava em Camagüey naqueles dias, era que Osvaldo Sánchez havia chegado secretamente à província e se instalado com um grupo de homens em uma lancha próximo à costa norte. Sánchez, à época, desfrutava de um importante cargo de chefe de segurança, conhecia os movimentos de todos os comandantes rebeldes, portanto sabia exatamente o local em que devia esperar o avião que conduzia Camilo Cienfuegos. Já informado sobre a inviabilidade da comunicação, ao entardecer, preparou-se com um grupo de homens próximo a Punta Alegre e quando viu surgir o Cessna, ordenou o disparo de artilharia antiaérea que incendiou e derrubou o avião. Sua posição estratégica próximo ao local permitiu retirar do mar os destroços e garantir que o restante afundasse nas profundezas do oceano. Aos

¹³² FRANQUI, Carlos. **Camilo Cienfuegos**. Barcelona: Editorial Seix Barral, 2001, p. 183, p. 176.

¹³³ Ibid., loc. cit.

¹³⁴ Disponível em: http://www.ecured.cu/index.php/Cristino_Naranjo

¹³⁵ Ibid.

seus homens explicou apenas que era um avião norte-americano que incendiava canaviais na região.¹³⁶

Oswaldo Sánchez, antes da revolução, era dirigente da juventude comunista, posteriormente foi enviado junto a Isidoro Malmierca à União Soviética para estudar segurança na academia da KGB. Com o triunfo revolucionário, Guevara secretamente o introduz à sua equipe. Em La Cabaña, de acordo com os relatos de Franqui, ele organiza secretamente, apoiado por seu chefe, todos os processos e fuzilamentos ali ocorridos sem uma devida averiguação sobre as acusações. Com a promoção de Che aos cargos de presidente do Banco Nacional e chefe da economia nacional, ele, com a proteção de Raúl Castro e do comandante Ramiro Valdés, trabalha secretamente organizando os serviços de segurança do regime. Iniciou, apoiado pelos influentes amigos, uma verdadeira guerra contra todos que não eram comunistas ou pró comunistas.¹³⁷

A forma como Sánchez morreu suscitou em muitos cubanos desconfianças de que ele teria mesmo algum envolvimento no desaparecimento. Em 1961, o avião em que viajava foi derrubado por engano, por uma bateria antiaérea cubana. Os oficiais alegaram que haviam disparado porque a aeronave dirigia-se rumo ao norte, sem aviso, e confundiram-na com um avião norte-americano. Para muitos ele teve o fim que mereceu. Comentava-se na época: “después de lo que él hizo a Camilo, nosotros se lo hicimos a él”¹³⁸. Fidel, ao que tudo indica, não abriu nenhuma investigação contundente a respeito da morte de Sánchez, caso ela tenha ocorrido nunca foi divulgada. Sua inércia em relação ao caso poderia ser um indicador de que Sánchez levava consigo segredos bem guardados do regime que convenientemente não deveriam vir à tona.

Não é possível afirmar, mesmo diante de tantas pesquisas, o que de fato pode ter ocorrido com o comandante desaparecido. No entanto, não restam dúvidas para o autor que a grande popularidade dele, somada às ambições de Raúl, à “limpeza” protagonizada pelo regime, tirando do poder todos aqueles que ideologicamente não vinculavam-se ao comunismo e a posição de Camilo em relação à prisão de Matos foram determinantes para o que Franqui considerava inevitável:

Camilo tuvo dudas de los supuestos hechos manipulados por Mendoza y la Seguridad. Las peligrosas investigaciones de Camilo en Camagüey ponían en peligro la bien urdida trama de la conspiración y causaron alarma en la Seguridad, a Raúl Castro y al propio Fidel, que conociendo el coraje y honestidad de Camilo, pensaron que su versión en el juicio podría ser muy

¹³⁶ FRANQUI, Carlos. **Camilo Cienfuegos**. Barcelona: Editorial Seix Barral, p. 187.

¹³⁷ Ibid., p. 192.

¹³⁸ Ibid., loc. cit.

peligrosa y echaría abajo toda la trama urdida. Con aquellas investigaciones, Camilo cavaba su propia tumba.¹³⁹

Como já mencionado anteriormente, os exilados cubanos não são um grupo homogêneo. A ala mais radical, por exemplo, não apoia muitos revolucionários que romperam com o governo cubano, como Huber Matos e Carlos Franqui. Um dos revolucionários mais aceitos por este grupo é Nino Díaz. Díaz foi um importante comandante do exército rebelde. Atuou principalmente na frente Oriental da guerrilha contra a ditadura de Batista. Ao deparar-se com os métodos empregados pelos Castro na Serra Maestra não tardou a posicionar-se contra. Foi o primeiro a se opor às ações de Raúl na província do Oriente em outubro de 1958. Antes do triunfo da revolução, foi acusado de traidor e submetido a um julgamento na Serra. Condenado à morte por fuzilamento, antes que a sentença fosse cumprida, foi resgatado do paredão pela intervenção de camponeses que lhes eram favoráveis. Lutou durante anos pelo fim do governo dos Castro, sem obter sucesso. Em 2008, escreveu um livro de suas memórias intitulado *Memorias de un Combatiente Nacionalista Cubano*.¹⁴⁰

Após o triunfo, ao constatar a popularidade de Huber Matos na província que chefiava e a sua posição contrária ao governo revolucionário, Nino viajou para Camagüey com a intenção de propor uma ofensiva contra o governo revolucionário. Ele planejava tomar primeiro Santiago de Cuba, reunir uma resistência nesta província e em Las Villas, e depois marchar para uma última ofensiva em Havana. Matos se negou. Tinha planos distintos para salvar Cuba do comunismo: pressionar Fidel. Para Nino sua atitude era bastante ingênua. Ele acreditava que Castro deveria ser tirado do poder, do mesmo modo que subiu, à bala.¹⁴¹

Quando Huber foi preso, Díaz compareceu ao julgamento. Ele sabia que o réu era inocente das acusações que estavam sendo feitas, apesar de em seu livro acusá-lo de participar de alguns fuzilamentos. Afinal, ele sabia que não havia conspiração ou contrarrevolução, pois foi justamente ele quem convidou Huber a uma ação contrarrevolucionária que este último recusou.¹⁴²

Afirma ainda que do mesmo modo que tiraram Matos do poder, também o fariam com qualquer um que fosse obstáculo à ambição dos Castro. Assim, desapareceria o mito Camilo. Segundo suas memórias, mais de 20 pessoas entre soldados e oficiais foram mortos por terem conhecimento de algo relacionado ao desaparecimento. Entre eles Cristino Naranjo, já

¹³⁹ FRANQUI, Carlos. **Camilo Cienfuegos**. Barcelona: Editorial Seix Barral, p. 165.

¹⁴⁰ DÍAZ, Nino. **Memorias de un Combatiente Nacionalista Cubano**. Miami: 2008.

¹⁴¹ Ibid., p. 194.

¹⁴² Ibid., p. 203.

mentionado neste trabalho. Naranjo, que segundo o autor, era um grande patriota e um grande combatente, foi assassinado por Manuel Beatón a mando de Fidel quando entrava no Columbia e com a sua morte se encerrou mais um capítulo das intrigas e assassinatos do governo.¹⁴³

A última versão que gostaria de mencionar é a de Juanita Castro, irmã de Fidel Castro e Raúl. Juanita vive em exílio desde o dia 22 de junho de 1964, quando decidiu romper com o governo revolucionário diante das inúmeras injustiças que tinha vivenciado nos primeiros de atuação.¹⁴⁴ Com o auxílio do seu sobrenome, facilitou a saída do país de muitos indivíduos perseguidos pelo regime. Suas ações acabaram desgastando sua relação com os irmãos, levando-a a optar pelo exílio cinco anos após o triunfo. Alguns meses antes de sair de seu país, recebeu uma carta da esposa do embaixador do Brasil em Cuba — Virgínia Leitão da Cunha. Nessa carta, Virgínia alerta sobre o perigo que corria continuando na ilha:

Todos sabemos que sua situação se tornou insuportável, e nos preocupa que lhe aconteça um ‘acidente’ (...). Se alguém seguiu-la num carro, você pode sair da estrada, despencar, bater numa curva, enfim, de forma que ninguém poderá salvá-la. Temo mais um acidente do que outra coisa, porque está muito claro que não vão dar-lhe um tiro, nem detê-la, porque isso criaria um escândalo.¹⁴⁵

Motivada pela preocupação com sua segurança e por sua rejeição aos fuzilamentos, decide se exilar no México menos de um ano depois.

Em seu livro de memórias *Fidel e Raúl, meus irmãos – a história secreta*, dedica um capítulo para discorrer sobre o desaparecimento de Camilo Cienfuegos, alguém por quem tinha uma grande simpatia pela autenticidade e alegria. Ainda que seja contra o governo dos irmãos, não acredita que eles tenham matado o comandante.

Juanita sustenta sua versão na certeza de que Camilo não se voltaria contra a postura comunista que a revolução estava tomando, pois, viveu desde muito cedo em um meio familiar esquerdista e já estava acostumado com aquela ideologia. Foi escolhido para prender Huber Matos porque tinha um dom especial para fazer com que as pessoas confiassem nele e assim ganhava aliados instantaneamente. Por isso foi o escolhido. Era, segundo ela, um tipo despreocupado da vida e não se preocupava muito com as condições de segurança dos meios de transporte que usava; com suas novas responsabilidades e cargos, os pormenores de sua segurança eram negligenciados. Assim, uma falha no avião, certamente pôs fim à sua curta vida.¹⁴⁶

¹⁴³ DÍAZ, Nino. **Memorias de un Combatiente Nacionalista Cubano**. Miami: 2008, p.198.

¹⁴⁴ CASTRO, Juanita. **Fidel e Raúl, meus irmãos – a história secreta**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011, p. 340.

¹⁴⁵ Ibid., p. 339.

¹⁴⁶ Ibid., p. 215.

Ainda afirma que Camilo sempre esteve ao lado do regime e ainda que não estivesse, não teria a coragem que Huber Matos teve de se rebelar contra a revolução. Ele não denunciaria o regime do qual era parte importante. Fidel sabia disso e portanto não havia necessidade de conspirar ou assassiná-lo. Ela conclui:

Estou segura, porque vivi com eles, de que se Camilo Cienfuegos fosse vivo, hoje seria uma das figuras mais proeminentes da cúpula governante e teria envelhecido junto com eles, como fizeram seu irmão Osmany, Pedro Miret, Juan Almeida, Ramiro Valdés, José Ramón Fernández e tantos mais. Jamais acreditei nessa história de Camilo enfrentando-se com Fidel, nem que Fidel o quisesse eliminar porque Camilo tivesse mais simpatia perante o povo, ou porque tivesse ciúme. Ciúme de quê? Se Fidel, durante os últimos dez meses que Camilo viveu, simplesmente era o Deus onipotente de Cuba.¹⁴⁷



Figura 7: Avião Cessna 310 FAR 53. Fonte: Cuba al Descubierto

¹⁴⁷ CASTRO, Juanita. **Fidel e Raúl, meus irmãos** – a história secreta. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011, p. 216.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que cada narrador faz quando apresenta sua versão, como propõe Sarlo, não é uma reconstituição dos fatos do passado, ele na verdade “os relembra”, dando-lhes seu caráter de passado presente, com o qual sempre há uma dívida não paga.¹⁴⁸ Há em cada relato e em cada memória uma dimensão intensamente subjetiva, que nos remete imediatamente do passado ao presente num intenso movimento entre uma perspectiva individual e um contexto mais amplo. Desse modo, frequentemente “(...) os gêneros testemunhais parecem capazes de dar sentido à experiência. Um movimento de devolução da palavra, de conquista da palavra, e do direito à palavra se expande, reduplicado por uma ideologia da ‘cura’ identitária por meio da memória social ou pessoal”¹⁴⁹.

Todavia, ainda que muitos testemunhos não tragam consigo as evidências com que possam comprovar sua veracidade, o que o ponto de vista micro histórico, oferece à observação, parafraseando Revel, não é uma versão atenuada, parcial, ou mutilada de realidades macrosociais, é na verdade uma versão diferente.¹⁵⁰ Que oferece ao observador, novas formas de olhar um mesmo evento e nos remete a uma experiência que não poderia ser experimentada com uma única perspectiva, um único significado.

Fidel Castro, no entendimento de sua irmã Juanita, era como um deus onipotente que não tinha motivos para temer a popularidade de Camilo. Mas, ele só o era porque ao longo do processo encontrou meios distintos de silenciar as resistências, para que pudesse governar livremente. Se não havia motivos para temer a popularidade dos comandantes aliados, por que levaria a renúncia de Huber à dimensão que levou?

Juanita Castro recorda-se dos favores que Cienfuegos lhe prestou naqueles poucos dias em que viveu no poder. Um deles foi facilitar a fuga para o exílio de um amigo da autora perseguido pelo regime. Ora, essa atitude não estava em plena inconformidade com o que se espera de uma pessoa do alto comando? Talvez ele não fosse tão adequado ao regime como se imagina que estivesse. Ainda é necessário considerar as circunstâncias em que ela aborda esse tema, com quem ela está falando. Naqueles corridos 10 meses que viveu após o triunfo, teria ele tido tempo para estabelecer com Juanita uma relação que permitisse a ela escrever com

¹⁴⁸ SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 28.

¹⁴⁹ Ibid., p. 39.

¹⁵⁰ REVEL, Jacques. “Microanálise e construção do social”. In Jacques Revel. (org.). **Jogos de escalas**: experiência da microanálise. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 28.

segurança acerca do seu ambiente familiar ou sobre qual seria seu futuro caso não tivesse desaparecido? Contudo, não se pode negar o valor das informações fornecidas por esta autora como mais um passo na reconstrução das memórias sobre o comandante.

Do mesmo modo, podemos encarar a versão apresentada por Huber Matos. No discurso deste autor, sua figura está sempre proeminente e muitas vezes parece, ao ler suas memórias, que o desaparecimento tenha ocorrido exclusivamente para que ele fosse culpado e injustiçado. Grande parte da trajetória individual de Camilo é ignorada e ele torna-se um apêndice para a condenação de Matos. Sua narrativa busca legitimação, as condições históricas de sua fala são as de alguém que precisa ser incumbido de autoridade que respalde sua luta contra o regime. Mas, ao mesmo tempo, os efeitos morais de seus discursos revelam-se mais importantes do que sua própria trajetória e, da dimensão individual de sua história, nos transportamos para uma dimensão coletiva, que é justamente a da resistência à guinada da revolução e ao regime cubano que encontra na dureza da repressão sua justificação de existir. Sua luta foi, nesse sentido, uma luta legítima.

Carlos Franqui por outro lado, fez uma análise mais abrangente que abarca toda a trajetória pessoal do comandante; entretanto, o mesmo Franqui que dedicou um livro quase que exclusivamente para evidenciar o caráter criminal do desaparecimento em 2001, em 1981 escrevera um livro de memórias e no capítulo que dedicou ao assunto afirmou:

Certa noite, Camilo Cienfuegos partiu de Camagüey num pequeno Cessna com um piloto inexperiente. Desapareceu e jamais encontraram o menor vestígio dele. Desde então proliferaram as teorias a respeito de seus possíveis assassinos. Acho que era simplesmente seu destino morrer jovem. Foi Camilo quem endossou a prisão de Huber Matos, indo pessoalmente detê-lo. Ele parecia, por conseguinte, ter tomado o partido de Fidel. Então, por que Fidel mandaria assassiná-lo?¹⁵¹

O mesmo indivíduo que propõe que Fidel não teria motivos para matá-lo, anos depois escreve um livro, no qual sua tese principal é a certeza de que Castro o matou. E o mesmo autor que no trecho acima se refere ao piloto como inexperiente, anos depois afirmaria que o piloto não poderia ser culpabilizado porque tinha uma larga experiência em aviões tipo Cessna. Por que Franqui mudou tão radicalmente de discurso? Seria um maior contato com fontes que lhe provaram que a sua primeira afirmação estava errada? Ou o seu lugar de fala mudou? O passado que esses autores recordam está próximo demais e, por isso, ainda desempenha posições políticas fortes no presente.¹⁵²

¹⁵¹ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 70.

¹⁵² SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 60.

Todas estas versões, que se situam nos “entrelugares”, ou seja, aquelas que, da perspectiva do oficial, habitam as “margens” e cujas vozes, em função disso, não são tidas como representativas¹⁵³, ainda que não sejam passíveis de comprovação, ajudam a manter viva a memória de Camilo Cienfuegos e contribuem ao projeto memorial dos Castro. Ao mesmo tempo, agem também como legitimação da causa daqueles que estão em um lugar social de resistência e necessitam de respaldo para a continuação de suas lutas contra o regime cubano.

Na história do desaparecimento o discurso hegemônico “tornou-se” o próprio acontecimento. Apagou-se da história nacional outros protagonistas, outras narrativas. O governo cubano construiu sua fala sobre bases frágeis, bases que não são frágeis o suficiente para caírem, mas também não são fortes o suficiente para permanecerem inabaláveis. Fidel se defende das acusações afirmando que os outros discursos são “infames versiones”, não são passíveis de comprovação, são falhas e imprecisas. Ele, esqueceu-se, todavia, que a sua versão, ou melhor, a versão do governo cubano, igualmente não pode ser comprovada. Está baseada em possibilidades, probabilidades e incertezas. Não há provas, não há informações concretas, pois não há avião, nem restos mortais que pudessem elucidar e apurar o que realmente aconteceu e porquê.

As versões são construídas de forma a dar sentido às lacunas deixadas pelos eventos históricos. São produtos de seu tempo e atendem a interesses específicos de seus narradores. Quem está certo afinal? Não é possível na atual conjuntura dizer. Cabe-nos portanto, procurar entender os usos da história, bem como da memória, para atender a interesses individuais ou coletivos. Como afirma Michael Pollak:

A memória é um fenômeno construído (...) os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. (...) A memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos.¹⁵⁴

Da mesma maneira, como sugere Pollak, a construção das memórias coletivas demanda um grande investimento no “trabalho de enquadramento da memória”¹⁵⁵. Camilo Cienfuegos não nasceu herói, tampouco se tornou herói em Cuba apenas por suas façanhas militares. Seu heroísmo é uma construção posterior à sua atuação, que se perpetua através de esforços e de simbolismos como as flores jogadas ao mar todo 28 de outubro. Não é possível afirmar, com as

¹⁵³ BHABHA, 1998, apud TAVOLARO, Sergio B. F. & TAVOLARO, Lília G. M. A cidadania sob o signo do desvio: Para uma crítica da “tese de excepcionalidade brasileira”. **Revista Sociedade e Estado** - Volume 25, Número 2 Maio/ Agosto 2010, p. 357.

¹⁵⁴ POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1992, p. 4.

¹⁵⁵ Ibid., p. 7.

informações que dispomos hoje, o lugar efetivo do seu desaparecimento: por que então as crianças jogam flores nas águas em sua homenagem? Possivelmente as discussões empreendidas por Nora a respeito da construção dos “lugares de memória” nos auxiliem nesta compreensão. Nora considera que para criar um passado é necessário, sobretudo, criar lugares de recordação desse passado. Essa criação ocorre intencionalmente para que não se percam referências pretéritas.¹⁵⁶ Assim podemos entender de uma forma mais complexa a carga memorial nesses ritos de recordação. Pois, “não haverá memória coletiva sem suportes de memórias ritualisticamente compartilhados”¹⁵⁷.

Por se tratar do desaparecimento de um indivíduo do alto comando cubano, esperava-se que o governo cubano fizesse uma minuciosa investigação posterior com o intuito de esclarecer os motivos do acidente e do desaparecimento. Esta investigação, se ocorreu, nunca foi divulgada. Aparentemente, não houve dossiês, nem novas expedições à procura de um dos principais personagens da história da ilha. Recentemente, um cubano desabafou: “Hoy en día no hay cubano que se lo trague, todos dicen que Fidel lo mandó asesinar. La frase más recurrente en Cuba es: “apareció el Titanic y no se ha podido encontrar el avión de Camilo!”¹⁵⁸. Em uma publicação em homenagem aos 55 anos do desaparecimento de Camilo Cienfuegos, Reinaldo Escobar, importante jornalista cubano, fez uma indagação parecida: “¿Cómo es posible que en todos estos años, donde no ha quedado un metro cuadrado sin explorar, no haya aparecido un vestigio (...)?”¹⁵⁹

Uma equipe de busca, muito anos depois, recuperou na Bolívia os restos mortais de Ernesto Guevara. Por que uma operação semelhante não é feita para encontrar Camilo? Procurá-lo, poderia trazer à tona as possíveis tramas e preocupações do passado que deveriam permanecer no esquecimento. Ameaçaria todo esforço empregado ao longo dos anos para uma conformidade memorial em que Cienfuegos configura-se como o herói da nação que morreu a serviço de seu país. Desse modo, ele será sempre um exemplo a ser seguido, um imperativo de lealdade e disciplina.

¹⁵⁶ Cf. NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares” in **Projeto História**. São Paulo, v. 10, 1995.

¹⁵⁷ CATROGA, Fernando. Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001, p. 48.

¹⁵⁸ **Historia Cubana ¿Vas Bien Fidel?** Disponível em: <http://elmundoasorbitos.blogspot.com.br/2012/07/historia-cubana-vas-bien-fidel.html>. Acesso feito em outubro de 2014.

¹⁵⁹ ESCOBAR, Reinaldo. **¿De la que te salvaste Camilo!** 14 medio: La Habana. 28/10/2014. Disponível em: http://www.14ymedio.com/blogs/desde_aqui/muerte-Camilo-Cienfuegos-abre-dudas-sobre-su-presente_7_1660103975.html. Acesso feito em outubro de 2014.

A falta de uma resposta final ao caso, pela ausência de documentos comprobatórios, nos revela que não raramente os eventos históricos são mais complexos do que dispomos para elucidá-los. Contudo, os limites impostos à pesquisa histórica, não impendem o surgimento de discursos que buscam pôr fim às incertezas do passado. Há sempre novas interpretações, há sempre novas possibilidades. E assim a história vai sendo criada, reinventada, repensada. E espero que de alguma forma este trabalho motive estes novos empreendimentos. Há muito ainda o que se dizer, não apenas sobre seu desaparecimento, mas sobre outros eventos que ainda esperam uma abordagem maior, como por exemplo, a trajetória das misteriosas pombas que voaram sobre o palanque de Fidel e pousaram em seu ombro. De onde elas teriam vindo? Ainda que a Revolução Cubana seja um assunto amplamente trabalhado entre nós historiadores, muitas lacunas sobrevivem às nossas observações, e muitos trabalhos terminarão como esse... cheio de dúvidas e incertezas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar: 2001.
- CATROGA, Fernando. **Memória e História**. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.
- DUBY, Georges. **A História Continua**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.
- GINZBURG, Carlo. Sinais Raízes de um Paradigma Indiciário. In: **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- LEVI, G. **Usos da Biografia**. In: FIGUEREDO, J e FERREIRA M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2006.
- NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares” in **Projeto História**. São Paulo, v. 10, 1995.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1992.
- REIS, D. A.; GASPARI, E.; BENJAMIN, C. **Versões e ficções – O sequestro da História**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997.
- REVEL, Jacques. Cultura, culturas: uma perspectiva historiográfica. In: Jacques Revel. **Proposições**. Ensaaios de história e historiografia. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2009.
- _____. “Microanálise e construção do social”. In Jacques Revel. (org.). **Jogos de escalas: experiência da microanálise**. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- ROUSSO, Henry. **A memória não é mais o que era**. In: FIGUEREDO, J e FERREIRA M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2006.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FONTES

FONTES PRIMÁRIAS

Asesinaron a Camilo. Instituto de la Memoria Histórica Cubana contra el Totalitarismo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=skYWH4YoMP0>>.

CASTELLS, Adolfo. **¿Vamos Bien?** Disponível em: <<http://eldiario.com.uy/2014/04/30/vamos-bien-2/>>

CASTRO, Fidel. **Entrevista ao programa Roda Viva na TV Cultura.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3YxnqvFWZN0>>.

_____. **Discursos e intervenciones.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f211059e.html>>

_____. **Discursos e intervenciones.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f261059e.html>>

_____. **Discursos e intervenciones.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f080159e.html>>

CASTRO, Juanita. **Fidel e Raúl, meus irmãos: a história secreta.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

Communist Threat to the United States through the Caribbean Hearings. Disponível: <http://www.latinamericanstudies.org/us-cuba/diaz-lanz-hearing.htm>>.

COYULA, Regina. **La respuesta del más allá.** Publicado em 1 de agosto de 2011. Disponível em: <http://lamalaletra.wordpress.com/2011/08/01/la-respuesta-del-mas-alla/>>.

DÍAZ, Nino. **Memorias de un Combatiente Nacionalista Cubano.** Miami, 2008.

FRANQUI, Carlos. **Camilo Cienfuegos.** Barcelona: Editorial Seix Barral, 2001.

GÁLVEZ, William. **Señor de la Vanguardia.** La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988.

GUEVARA, Ernesto. **A guerra de guerrilhas.** São Paulo: Edições Populares, 1982.

MATOS, Huber. **Cómo Llegó la Noche.** Barcelona: Tusquets Editores, 2002, p. 329.

_____. **Carta de Renúncia.** Disponível em: <<http://comandantehubermatos.blogspot.com.br/2010/04/carta-renuncia-del-comandante-huber.html>>.

_____. **Conversando com Huber Matos sobre Camilo.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LCf995hf1Ck>.

QUIÑONES, Roberto. **¿Dijo Fidel 'Voy bien, Camilo'?** Los Angeles, 28 de outubro de 2013. Disponível em: <http://www.diariodecuba.com/cuba/1382714770_5661.html>.

PERIÓDICOS

EDITORIAL. **Lunes de Revolución.** La Habana. n°. 36. 23 de noviembre de 1959.

ESCOBAR, Reinaldo. **¿De la que te salvaste Camilo!** 14 medio: La Habana. 28/10/2014. Disponível em: <http://www.14ymedio.com/blogs/desde_aqui/muerte-Camilo-Cienfuegos-abre-dudas-sobre-su-presente_7_1660103975.html>.

MONTANER, Carlos Alberto. **Raúl Castro y la corrupción.** Diario de Cuba: Noviembre, 2014. Disponível em: <http://www.diariodecuba.com/cuba/1412694867_2247.html>.

FONTES SECUNDÁRIAS

A) Artigos e Capítulos de Livros

BUSTO, Ernesto. **El imaginario revolucionario:** Historia de una fotografía. Letras Libres: Janeiro de 2009. Disponível em: <<http://www.letraslibres.com/revista/convivio/el-imaginario-revolucionario-historia-de-una-fotografia>>.

ISLA, Wilfredo Cancio. **Se suicida legendário piloto anticastrista.** Disponível em: <http://www.elnuevoherald.com/2008/06/27/234674/se-suicida-legendario-piloto-anticastrista.html>>.

TAVOLARO, Sergio B. F. & TAVOLARO, Lília G. M. **A cidadania sob o signo do desvio:** Para uma crítica da “tese de excepcionalidade brasileira” in Revista Sociedade e Estado - Volume 25, Número 2 Maio/ Agosto 2010.

B) Livros

ANDERSON, Jon Lee. **Che Guevara: Uma Biografia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

COSTA, Jaime. **El clarín toca al amanecer**. Barcelona: Ediciones Rondas, 2003.

FRANQUI, Carlos. **La Revolución: ¿Mito o Realidad?** Barcelona: Ediciones Península, 2006.

_____. **Retrato de Família com Fidel**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981.

GÁLVEZ, William. **El joven Camilo**. La Habana: Editorial Gente Nueva, 1998.

GUEVARA, Ernesto. **Reflexões sobre a História Cubana**. São Paulo: Editora Edições Populares, 1981.

C) Teses e Dissertações

PRADO, Giliard da Silva. **Guerrilhas da Memória: Estratégias de Legitimação da Revolução Cubana (1959 – 2009)**. Tese de Doutorado, PPGHIS. UnB, 2013.

TEIXEIRA, Rafael Saddi. **A dominação Carismática de Fidel Castro (1952-1960)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2004.

ANEXOS

Carta de Renúncia de Huber Matos

Camagüey, octubre 19 de 1959.

Dr. Fidel Castro Ruz

Primer ministro

La Habana

Compañero Fidel:

En el día de hoy he enviado al jefe del Estado Mayor, por conducto reglamentario, un radiograma interesando mi licenciamiento del Ejército Rebelde. Por estar seguro que este asunto será elevado a ti para su solución y por estimar que es mi deber informarte de las razones que he tenido para solicitar mi baja del ejército, paso a exponerte las siguientes conclusiones: Primera: no deseo convertirme en obstáculo de la Revolución y creo que teniendo que escoger entre adaptarme o arrinconarme para no hacer daño, lo honrado y lo revolucionario es irse.

Segunda: por un elemental pudor debo renunciar a toda responsabilidad dentro de las filas de la Revolución, después de conocer algunos comentarios tuyos de la conversación que tuviste con los compañeros Agramonte y Fernández Vilá. Coordinadores Provinciales de Camagüey y La Habana, respectivamente: si bien en esta conversación no mencionaste mi nombre, me tuviste presente. Creo igualmente que después de la sustitución de Duque y otros cambios más, todo el que haya tenido la franqueza de hablar contigo del problema comunista debe irse antes de que lo quiten.

Tercera: sólo concibo el triunfo de la Revolución contando con un pueblo unido, dispuesto a soportar los mayores sacrificios... porque vienen mil dificultades económicas y políticas... y ese pueblo unido y combativo no se logra ni se sostiene si no es a base de un programa que satisfaga parejamente sus intereses y sentimientos, y de una dirigencia que capte la problemática cubana en su justa dimensión y no como cuestión de tendencia ni lucha de grupos.

Si se quiere que la Revolución triunfe, dígame adónde vamos y cómo vamos, óiganse menos los chismes y las intrigas, y no se tache de reaccionario ni de conjurado al que con criterio honrado plantee estas cosas.

Por otro lado, recurrir a la insinuación para dejar en entredicho a figuras limpias y desinteresadas que no aparecieron en escena el primero de enero, sino que estuvieron presentes en la hora del sacrificio y están responsabilizados en esta obra por puro idealismo, es además

de una deslealtad, una injusticia, y es bueno recordar que los grandes hombres comienzan a declinar cuando dejan de ser justos.

Quiero aclararte que nada de esto lleva el propósito de herirte, ni de herir a otras personas: digo lo que siento y lo que pienso con el derecho que me asiste en mi condición de cubano sacrificado por una Cuba mejor. Porque aunque tú silencies mi nombre cuando hablas de los que han luchado y luchan junto a ti, lo cierto es que he hecho por Cuba todo lo que he podido ahora y siempre.

Yo no organicé la expedición de Cieneguilla, que fue tan útil en la resistencia de la ofensiva de primavera para que tú me lo agradecieras, sino por defender los derechos de mi pueblo, y estoy muy contento de haber cumplido la misión que me encomendaste al frente de una de las columnas del Ejército Rebelde que más combates libró. Como estoy muy contento de haber organizado una provincia tal como me mandaste.

Creo que he trabajado bastante y esto me satisface porque independientemente del respeto conquistado en los que me han visto de cerca, los hombres que saben dedicar su esfuerzo en la consecución del bien colectivo, disfrutan de la fatiga que proporciona el estar consagrado al servicio del interés común. Y esta obra que he enumerado no es mía en particular, sino producto del esfuerzo de unos cuantos que, como yo, han sabido cumplir con su deber.

Pues bien, si después de todo esto se me tiene por un ambicioso o se insinúa que estoy conspirando, hay razones para irse, si no para lamentarse de no haber sido uno de los tantos compañeros que cayeron en el esfuerzo.

También quiero que entiendas que esta determinación, por meditada, es irrevocable, por lo que te pido no como el comandante Huber Matos, sino sencillamente como uno cualquiera de tus compañeros de la Sierra -¿te acuerdas? De los que salían dispuestos a morir cumpliendo tus órdenes--, que accedas a mi solicitud cuanto antes, permitiéndome regresar a mi casa en condición de civil sin que mis hijos tengan que enterarse después, en la calle, que su padre es un desertor o un traidor.

Deseándote todo género de éxitos para ti en tus proyectos y afanes revolucionarios, y para la patria -agonía y deber de todos- queda como siempre tu compañero.

Huber Matos

Declaração de Autenticidade

Eu Thais Rosalina Turial Brito, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “ENTRE MEMÓRIAS, NARRATIVAS E ESQUECIMENTOS: O DESAPARECIMENTO DO COMANDANTE CAMILO CIENFUEGOS” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Brasília, 08 de dezembro de 2014.

X

Thais Rosalina Turial Brito